

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Comunicação

Angelo Ambrósio Tosta

**O entretenimento no telejornalismo esportivo público: Análise
dos programas "No Mundo da Bola" e "Cartão Verde**

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

Angelo Ambrósio Tosta

**O entretenimento no telejornalismo esportivo público: Análise
dos programas "No Mundo da Bola" e "Cartão Verde**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na Faculdade
de Comunicação da UFJF.

Orientadora: Prof. Dra. Iluska Coutinho

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

Angelo Ambrósio Tosta

O entretenimento no telejornalismo esportivo público

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dra. Iluska Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado

em 12/02/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Iluska Coutinho (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – Convidado

Prof. Ms. Alvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) – Convidado

Conceito Obtido: _____

Juiz de Fora
Fevereiro de 2014

Aos meus pais, Angelo A. B. Tosta e Rosali Ambrósio Tosta, por terem aberto todas as oportunidades que tive. Eles são mais que meros tutores no caminhar de uma vida, são amigos que me acompanham nas vicissitudes dessa longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao Rei dos reis, Jesus Cristo, o Senhor. Todas as minhas conquistas nessa vida provém dele e para o seu reino estão reservados todos os conhecimentos e habilidades aprendidos nessa etapa. Glórias ao Rei.

À minha família. Muito obrigado por todo suporte, carinho e encorajamento durante toda essa caminhada. Vocês são o maior presente que tenho nessa vida e nenhuma conclusão de curso é mais maravilhosa do que conviver com vocês todos os dias. Angelo, Rosali e Laura, eu amo vocês.

Aos meus quase pais Jerônimo e Raquel. Agradeço por tão grande carinho que recebo de vocês desde que nasci. Muito obrigado pelas orações, abraços, ligações de incentivo e todo o carinho quando vou para minha segunda casa. Aos meus irmãos de fato, Lucas e Filipe, por serem simplesmente quem são: amigos. Sei que posso contar com vocês em todos os momentos da vida assim como contei nesses três anos e meio de curso.

À minha namorada Natiele Bertoldo. Tenha certeza que um dos objetivos dessa conquista é viver do seu lado. Te amo.

À minha professora e orientadora Iluska Coutinho. Foram dois anos de grande aprendizado que nunca será esquecido nessa vida. Sou extremamente grato pelo investimento feito em mim durante este período.

Agradeço também à toda Igreja de Nova Vida de Juiz de Fora, especificamente localizada no bairro Santa Cândida. A família que tenho neste lugar me encoraja a lutar pela realização dos meus sonhos todos os dias. São avós, tias, tios, irmãos mais velhos e

mais novos que eu amo e desejo viver por longa data ao lado deles. Sou grato a Deus por ter a oportunidade de conviver ao lado de vocês. Muito obrigado.

Não posso me esquecer de todo o povo do Outdoor. Saibam que agradeço pela paciência que vocês tem comigo. Servir a Deus ao lado de vocês e tentar mostrar quem Jesus é tem sido maravilhoso. Espero que meu sucesso no meu curso seja um motivador para vocês também se capacitarem para fazer a vontade de Deus. Amo vocês bonitões e bonitonas.

Rookmaker

Eu leio Rookmaaker, você Jean-Paul Sartre
A cidade foi tomada pelos homens
Na cidade dos homens tem gente que
consegue ler,
Mas os outros estão néscios pra Ti.

Eu canto Keith Grenn, você canta o quê?
A cidade está cheia de sons
Na cidade dos homens tem gente que
consegue ouvir,
Mas os outros estão surdos pra Ti.

Vem, jogando tudo pra fora
A verdade apressa minha hora
Vem, revela a vida que é nova
Abre os meus olhos agora

Eu fico com a escola de Rembrandt, você
no dadaísmo de Berlim
A cidade está cheia de tinta
Na cidade dos homens tem gente que
consegue ver,
Mas os outros estão cegos pra Ti.

Eu monto o paradoxo no palco
Você anda zombando da cruz.
A cidade está cheia de atores
Na cidade dos homens tem gente que
consegue dizer,
Mas os outros estão mudos pra Ti.

Vem, jogando tudo pra fora
A verdade apressa minha hora
Vem, revela a vida que é nova
Abre os meus olhos agora

Toda vez que procuro pra mim algo pra ler,
ouvir, olhar e dizer,
Senhor sabes o que eu quero
Não me furto a certeza: és a Vida que eu
quero

Marcos Almeida

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o entretenimento no telejornalismo esportivo público. Com páginas dedicadas à exposição do embate entre jornalistas e teóricos sobre o entretenimento no setor, um histórico também é destacado sobre a trajetória das emissoras públicas e educativas no cenário nacional. Para a análise de conteúdo foram selecionados dois programas esportivos de emissoras públicas. São eles o Cartão Verde, da TV Cultura, e o No Mundo da Bola, da TV Brasil. Três episódios de cada um desses foram selecionados como recorte para a análise conteúdo para a obtenção de conclusões acerca do fator do entretenimento neste âmbito do jornalismo esportivo na televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Esportivo. TV Pública. Entretenimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 TELEVISÃO E ESPORTE	11
2.1 TRANSMISSÕES E TELEJORNALISMO ESPORTIVO.....	12
2.2 ENTRETENIMENTO NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO.....	15
2.3 O PREDOMÍNIO DE INFORMAÇÃO OU ENTRETENIMENTO NO NOTICIÁRIO ESPORTIVO.....	17
3 O ESPORTE NA TV PÚBLICA	22
3.1 A TV PÚBLICA NO BRASIL.....	22
3.2 A HISTÓRIA DO ESPORTE NA TV PÚBLICA	27
3.2.1 Os programas.....	27
3.2.2 As transmissões esportivas.....	32
4 O ENTRETENIMENTO NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO PÚBLICO.....	39
4.1 NO MUNDO DA BOLA.....	39
4.1.1 Panorama Geral.....	39
4.1.2 O entretenimento em "No Mundo da Bola"	42
4.2 CARTÃO VERDE	45
4.2.1 Panorama Geral.....	45
4.2.2 O entretenimento em "Cartão Verde"	48
CONCLUSÃO.....	54
BIBLIOGRAFIA	56

1. INTRODUÇÃO

A televisão no Brasil desde os seus primórdios já tinha o esporte como um de seus aliados. Em 1950, quando a TV chega ao país, as transmissões radiofônicas já eram presentes há mais de uma década. A utilização desse veículo de comunicação (televisão), como espaço para o Esporte, teve seu grande ápice na marcante transmissão da Copa do Mundo de 1970, a primeira a ser transmitida ao vivo, na televisão.

Desde que estes programas surgiram um processo se iniciou e perdura até hoje: o crescimento da presença do entretenimento no telejornalismo esportivo. Mesmo com considerável diferença desde o início em relação aos outros jornais da época no quesito do entreter como estratégia televisiva, a utilização de recursos como descontração e a leveza da informação cresceu ano após ano nos programas televisivos vinculados à editoria esportiva.

É natural que uma editoria esportiva tenha focos e forma de transmissão da informação de maneira diferente de outras editorias jornalísticas, como é o caso de política e economia, por exemplo. O esporte, por sua própria característica popular e competitiva, está inserido numa linguagem mais coloquial e mais ligado às preferências da população do que a necessidade do serviço da informação à mesma. Mas é de apreço lembrar que, por mais que o jornalismo esportivo se desloque para outras faces do jornalismo, este é chamado de jornalismo. E é nessa questão que a problemática emerge.

O uso do entretenimento é um fator que divide opiniões dentro dos programas jornalismo esportivo. Se por um lado existem defensores do entretenimento exacerbado, isto é, da utilização de uma maior descontração de forma proposital, mesmo que isso interfira na qualidade da transmissão da informação, por outro lado existem os críticos que utilizam os fundamentos do jornalismo para refutar a tendência que se torna cada vez mais forte em tal âmbito, embora tais críticos reconheçam que o jornalismo esportivo por si só já está imerso numa relativa carga de entretenimento.

E se este aspecto divide opiniões ele também, logicamente, divide linhas editoriais. Enquanto alguns programas ainda se posicionam numa linha mais conservadora em relação ao entretenimento prioritário (embora estes estejam em minoria, principalmente no caso de emissoras abertas), outros apostam em ir além da linguagem coloquial própria do esporte. Usar estratégias que vão de efeitos sonoros, e

chegam ao uso de fantasias por comentaristas se torna cada vez mais frequente não só em emissoras abertas, mas até mesmo em tradicionais emissoras esportivas de canais fechados.

O fato de jornalistas esportivos se tornarem o próprio conteúdo de suas matérias e também dividirem suas carreiras com programas de cunho exclusivo de entretenimento também levanta críticas por parte de analistas, profissionais e telespectadores. Oselame (2010) condena a postura como "tendência ao estrelismo", onde "o jornalista não é mais o profissional da informação. Na lógica do entretenimento e do esporte encarado como tal, ele – especialmente o apresentador – é a própria notícia" (OSELAME, 2010).

Nessa perspectiva, a proposta desse trabalho é avaliar se a tendência acelerada de uso de entretenimento também caracteriza os programas esportivos produzidos e veiculados pelas emissoras públicas de televisão no Brasil. Assim, ao longo de seus capítulos, com destaque para o de número quatro, avaliou-se até que ponto os participantes dos programas "No Mundo da Bola" e "Cartão Verde" chegam para entreter a audiência, isto é, se estes se aproximam ou se afastam dos modelos que utilizam vasta gama de recursos audiovisuais de entretenimento para promover piadas e risadas em detrimento da informação; se grande parte do programa é composta discussões de cunho jornalístico ou por tentativas de recriar casos engraçados e narrar histórias de vida dos integrantes do programa. Para isso, além da pesquisa empírica, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre televisão, jornalismo esportivo e radiodifusão pública, que oferecem suporte teórico ao trabalho.

2. TELEVISÃO E ESPORTE

Atualmente o jornalismo esportivo se trata de um grande setor do jornalismo mundial. Programas esportivos e transmissões de grandes eventos já fazem parte da rotina de várias emissoras de televisão ao redor do mundo. Mas para isso, o jornalismo esportivo televisivo precisou de algumas décadas para se consolidar como tal. No Brasil, as novas tecnologias, formatos, linguagem, estrutura e outros fatores contemporâneos contrastam com os primórdios da atividade da informação.

O esporte, devido ao grande espaço conquistado no rádio (principalmente no caso do futebol), já se tratava de uma pauta consolidada no início da televisão brasileira na década de 1950. Embora os recursos técnicos ainda fossem escassos para uma constante transmissão de eventos ao vivo, e muito menos eventos extra-continentais, como era o caso da Copa do Mundo; as primeiras transmissões esportivas na televisão começaram a surgir de eventos locais ou reprises transmitidas alguns dias após a realização das partidas.

Cabe aqui ressaltar um breve histórico do espaço radiofônico no país, o qual serviu como preparação fundamental para o início imediato do esporte na televisão brasileira.

Com a autorização da publicidade no rádio sendo promulgada por Getúlio Vargas em 1932, as emissoras tiveram maior respaldo financeiro para montar suas programações, e já como certa constava a presença das transmissões esportivas. Dessa forma o rádio e, conseqüentemente, o esporte nesse mesmo veículo, conquistavam cada vez mais espaço entre a população brasileira, chegando até mesmo a ser uma importante receita para as emissoras de rádio devido à sua crescente audiência na época.

A Copa do Mundo realizada na França, no ano de 1938, foi o primeiro torneio internacional que os brasileiros puderam acompanhar ao vivo pelo rádio. Na estreia, o Brasil venceu a Polônia por 6 a 5 e o povo brasileiro podia comemorar cada gol com os ouvidos ligados ao rádio. Mostaro (2012) evidencia como a situação se passava em território nacional.

A novidade de uma transmissão ao vivo, direto do continente europeu, maravilhava os brasileiros, que paravam para acompanhar a seleção. Os que não tinham rádio ficavam no Largo do Paissandu, em São Paulo, ou diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro. Por todo o país, os estádios de futebol e as

praças também tinham alto-falantes que faziam toda uma nação torcer para 11 brasileiros na França. O narrador Gagliano Neto, que fez toda a transmissão da Copa para o Brasil, viajava junto com a seleção, tornando-se, além de um narrador, um 'integrante' do time, o que ficava claro nas transmissões e ajudava a criar o sentido de coletividade em torno da seleção nacional. (MOSTARO, 2012, p. 202-203)

Se em 1938 o rádio já tinha ganho proporções nacionais com a transmissão dos jogos da seleção na França, foi em 1950, ano em que a televisão chegava no Brasil, que houve o *boom* radiofônico e o som dos jogos "ecoou por todo o país, via ondas de rádio" (SAVENHAGO, 2011). A derrota para o Uruguai na final, no estádio do Maracanã, foi um marco também para a história do rádio brasileiro, que transmitiu e compartilhou com a população todo o sentimento de frustração pelo fracasso do Brasil dentro de sua própria casa.

O narrador da Rádio Panamericana, Pedro Luís, fez, após a partida, um depoimento emocionado, em que procurou demonstrar qual era o sentimento da população com a perda do título. Um depoimento que misturou consternação, surpresa, espanto e que se confunde com a vida cotidiana. Como se o futebol, naquele momento, fosse a reunião de todas as esperanças do povo brasileiro. A derrota em campo significava também uma derrota para a auto-estima (SAVENHAGO, 2011, p. 25).

Após o sofrimento de 1950 sentido através das ondas do rádio, em vinte anos passados a população brasileira encontraria a redenção por três vezes com títulos mundiais, sendo duas dessas conquistas ainda acompanhadas pelo rádio (1958, Suécia e 1962, Chile), e uma acompanhada no pioneirismo televisivo (1970, México).

2.1 TRANSMISSÕES E TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Antes de permear o torneio internacional que marcou época na junção dos meios esportivo e televisivo, algumas transmissões esportivas locais já despontavam no âmbito televisivo nacional. Savenhago, citando William (2002), afirma que a TV Tupi (primeiro canal de televisão do Brasil), após alguns meses de sua inauguração em setembro de 1950, "já transmitia jogos de futebol realizados em São Paulo e cidades próximas" (SAVENHAGO, 2011).

Continuando a percorrer o caminho já elucidado por Savenhago, em 1956 foi feita a primeira transmissão interestadual de uma partida de futebol entre seleções estrangeiras. O jogo entre Brasil e Itália no Maracanã já proporcionou uma maior procura pelos aparelhos televisivos e se confirmou mais um passo na caminhada para a popularização da TV no país. Dois anos depois viria a Copa do Mundo de 1958 realizada na Suécia. Embora a TV começasse a conquistar seu espaço entre os brasileiros, o orçamento das emissoras e suas respectivas estruturas operacionais ainda não eram suficientes para a transmissão de eventos internacionais como o campeonato mundial de futebol. Deste modo, a população brasileira acompanhou o primeiro título mundial da seleção através da Rádio Bandeirantes, acompanhando a voz do narrador Pedro Luís.

A Copa de 1962, no Chile, já apresentava uma grande novidade em relação à edição anterior na mídia audiovisual. Mesmo sendo ainda um sonho a transmissão dos jogos ao vivo, pela televisão, as gravações dos jogos em vídeo chegavam horas após os jogos e eram transmitidas pelas emissoras no dia posterior ao evento, mesmo levando em conta que o resultado já não era novidade para os torcedores. Deste modo, a vontade de saber imediatamente o resultado fez que mais uma vez o rádio fosse o centro das atenções por parte dos brasileiros.

O avanço considerável para o meio televisivo se deu apenas em 1970, ano marcante para as transmissões esportivas na televisão brasileira. A Copa do Mundo de 1970 foi transmitida ao vivo e em cores para todo o território nacional¹. Já diria Silva (2010) que "a partir daí o jornalismo esportivo passou a ser parceiro inseparável da TV no Brasil" (SILVA, 2010). E para a felicidade e vibração de todo o país (e principalmente para o então presidente Emílio Médici no regime ditatorial), em 21 de junho de 1970 o povo brasileiro pôde assistir, diretamente do México, Pelé, Jairzinho, Gérson e Carlos Alberto conquistarem o direito de obtenção da Taça Jules Rimet e, deste modo, garantirem o terceiro título mundial para a seleção brasileira no estádio Azteca.

¹Apesar de a geração no México ter sido em cores, apenas em 1972 o Brasil passou a contar com a recepção em cores. Assim, apesar de hoje a memória do tricampeonato contar com imagens em cores, em 1970 os brasileiros acompanharam o título em preto e branco.

Deste modo, o avanço tecnológico do aparato televisivo das emissoras nacionais, e também o fato do esporte marcando um território cada vez maior na escala de interesse do povo em relação à televisão, deram espaço para o início de programas exclusivamente de caráter esportivos, ainda que estes fossem pautados por modelos de conteúdo geral, que seriam os jornais exibidos na época. A década de 1970 não é marcada apenas pelo título no campo e pela inovadora, ou melhor, pioneira transmissão esportiva, mas também pelo surgimento de programas e quadros esportivos que, além de perdurar até hoje, serviram como base para a vasta gama existente atualmente de programas esportivos, o que é o caso do Globo Esporte (1978), Esporte Espetacular (1973) e os Gols do Fantástico (1973), todos eles produzidos e veiculados na TV Globo.

Apesar dos programas com conteúdo exclusivamente esportivo já serem por si só uma inovação na grade de programação televisiva, seu formato e estrutura diferem consideravelmente daquele que é presente no contemporâneo. Influenciados pela forma tradicional de transmissão da notícia nos jornais de bancada já existentes, ainda que constasse um pouco menos de formalidade no discurso (o que já apontava para um futuro que o jornalismo esportivo iria percorrer), os programas de jornalismo esportivo na sua maioria seguiam a mesma linha estrutural de bancada e transmissão direta dos fatos, o que fica bastante evidente na primeira edição do Globo Esporte², apresentado por João Batista Belinaso Neto, também conhecido como Léo Batista, no dia 14 de agosto de 1978.

²As observações e a figura foram retiradas de um vídeo de acervo na internet disponível no link: <http://www.youtube.com/watch?v=mxCuXP1E0OU>



Figura 1 - Léo Baptista apresentando o primeiro Globo Esporte em 1978.

Assim, com o passar do tempo, acompanhado pela evolução tecnológica (melhora da resolução da imagem, uso de efeitos especiais para vinhetas, maior número de câmeras nos estádios, diferentes angulações de câmera dentro do estúdio etc.), o jornalismo esportivo também aprimorava suas técnicas e métodos (não se tratando aqui que em anos anteriores o jornalismo esportivo não produzia conteúdo de qualidade, o que é uma irrealdade, mas sim de uma evolução temporal e tendências do jornalismo). Sua linguagem, os critérios de noticiabilidade, assim como o estudo do mesmo levaram o jornalismo esportivo a um viés (que se divide em vários outros caminhos) fortemente discutido e analisado por jornalistas e pesquisadores na atualidade, sendo por alguns elogiado e por outros criticado: o entretenimento.

2.2 ENTRETENIMENTO NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

Existe uma diferença notável entre Fernando Vanucci e Tadeu Schmidt, Léo Baptista e Tiago Leifert. Não que esta esteja na competência ou produtividade dos jornalistas aqui citados, mas sim nos novos rumos que o jornalismo esportivo percorreu no decorrer das décadas. Considerando que as mudanças (ainda que em alguns casos sejam pequenas) são inevitáveis no jornalismo, na área dos programas esportivos de televisão não é difícil perceber alguns fatores que separam as gerações dos profissionais anteriormente citados.

E se existe algo que caracteriza essa distância, este é o entretenimento. Ainda que alguns programas já tivessem uma linguagem mais descontraída (contendo até mesmo jargões do futebol utilizados no dia a dia da população) que aproximava o público do telejornal, como é o caso do quadro "Os Gols do Fantástico" (apresentado por Fernando Vanucci, em 1977, aos domingos no programa Fantástico), foi nos últimos anos que o entreter se tornou peça-chave no jornalismo esportivo.

Oselame (2010) expõe tal disparidade de estilos informativos ao comparar as edições antigas e recentes do Globo Esporte:

Quando estreou, em 14 de agosto de 1978, o Globo Esporte comandado por Léo Batista estava mais para um "telejornal de esportes" do que para um programa de entretenimento. Era apresentado da tradicional bancada, com textos lidos no teleprompter. Três décadas e incontáveis revoluções tecnológicas depois, especialmente a versão apresentada em São Paulo, por Tiago Leifert, o Globo Esporte é, antes de tudo, um programa de televisão. A bancada deu lugar à mobilidade do apresentador e a linguagem engessada pelo teleprompter foi substituída pelo improvisado e o (suposto) bom humor, sem roteiro. (OSELAME, 2010, p. 64)

O autor também afirma que grande parte da responsabilidade por essa invasão do entreter vem do Padrão Globo de Jornalismo Esportivo, aplicado no Globo Esporte desde 2008, tendo Tiago Leifert como o principal expoente dessa nova roupagem modelo, em que há um predomínio do entretenimento, apenas. O formato do improvisado e da linguagem coloquial e direta com o telespectador ganhou espaço definitivo após a chegada do apresentador. E sua postura se tornou não apenas uma característica própria, mas sim de qualquer apresentador das edições do Globo Esporte espalhadas pelo país. O que comprova tal afirmativa é que, mesmo na constante ausência de Tiago Leifert no Globo Esporte pelos diversos compromissos que o mesmo possui dentro da emissora, o estilo dentro do programa é mantido pelos profissionais atuantes.

Depois disso, esse novo formato se espalhou e ganhou espaço não só dentro da Rede Globo, mas também em várias outras emissoras. Tadeu Schmidt ganhou considerável espaço no Fantástico, e colocou em prática um novo formato narrativo dos gols que se assemelha "bastante ao sentido produzido pela crônica" (PEREIRA, 2011, p. 29). Ex-jogadores de futebol, como é o caso de Ronaldo Giovanelli, Neto e Denílson Araújo, ganharam espaço em programas como o Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, o

qual utiliza não apenas texto simplificado e mobilidade no palco, mas também efeitos sonoros, brincadeiras planejadas e debates "espontaneamente" engraçados. Até o jornal esportivo mundial da ESPN, o Sportscenter, já tem quadros na edição brasileira que tem unicamente como objetivo o entretenimento do telespectador. Esse é o caso do "Fala Sério", que, na própria descrição de uma das edições no site da emissora esportiva, descreve que "Rômulo Mendonça e Alexandre Oliveira apresentam as curiosidades da semana no mundo esportivo com muito bom humor"³.

Não é de objetivo deste trabalho a discussão se a mudança do estilo (e por que também não dizer estrutural?) dos programas foi para buscar uma maior audiência. Mas é possível perceber que o novo formato praticado cria um denominador comum que atende ao maior número de pessoas possíveis. Algumas decisões editoriais como simplificar a linguagem, dinamizar ainda mais as matérias, imputar consideravelmente o fator humor no conteúdo jornalístico, discurso direto e coloquial com o telespectador, posição do apresentador e tantos outros, servem como claras evidências de uma tentativa de conquista ainda maior por parte do público alvo. Parecendo estar escrevendo especificamente para o tema aqui tratado, Morin (2009) afirma que "a procura de um público variado implica a procura de variedade na informação ou no imaginário; a procura de um grande público implica a procura de um denominador comum" (MORIN, 2009, p. 35). Souza (2010) também afirma sobre esse público de denominador comum no contexto específico do jornalismo esportivo televisivo.

Quando os jornais, primeiro, e o rádio e a televisão depois, descobriram o esporte enquanto conteúdo houve uma alteração em sua dimensão lúdica e localizada em uma sociedade: o esporte passou a ser notícia. Mas não uma notícia como outra qualquer. O reconhecimento de suas particularidades levou à setorização e, conseqüentemente, à descoberta de formas condizentes de tratar essa nova matéria-prima que emergia da sociedade com força e potencial de interessar a todos os públicos. (SOUZA, 2010, p. 1)

Portanto, é indiscutível que o entretenimento já é uma característica do jornalismo esportivo brasileiro nas mais diversas emissoras existentes no país. O crescimento do formato potencializado por Tiago Leifert ganhou espaço até mesmo em canais de TV por assinatura, sendo possível contar quantos deles possuem ainda a tradicional bancada.

³Disponível em http://www.espn.com.br/video/347017_flagra-de-messi-com-stripper-jogador-perde-o-calcao-e-musica-para-luxa-no-fluminense-no-fala-serio

A questão que surge em considerável apreço e que não pode ser apenas tratada de forma periférica é até que ponto a invasão do entretenimento não compromete o conteúdo e a prática do jornalismo em si? O debate é objeto de estudo, tendo defensores e acusadores do novo formato.

2.3 O PREDOMÍNIO DE INFORMAÇÃO OU ENTRETENIMENTO NO NOTICIÁRIO ESPORTIVO

É digno de ressaltar que tanto os críticos como os defensores da constante presença do entreter no campo do jornalismo esportivo televisivo tomam suas posições publicamente em relação ao tema. Se de um lado os críticos apelam para o fazer jornalismo em sua teoria, embora não apelem para o fim do entretenimento, mas sim para uma obediência ao que é jornalismo, ou seja, apresentar uma construção da notícia, relevância dos fatos, obediência aos critérios de noticiabilidade etc., os favoráveis ao movimento presente se firmam na proximidade que tal postura gera com o público e também na realidade de que o esporte, por si só, já se trata de algo que exige uma linguagem simples e uma leveza proporcionada pelo entretenimento inserido no programa.

A crítica é iniciada, como já foi falado anteriormente, baseada em princípios básicos do jornalismo. Oselame (2010) inicia seu raciocínio de crítica a este formato afirmando que "um jornalista que atua na área de esportes é, antes de tudo, um jornalista" (OSELAME, 2010, p. 63). Barbeiro e Rangel, na mesma linha, logo no início de sua obra afirmam: "Jornalismo é jornalismo: seja ele esportivo, político, econômico, social" (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 13).

A culpa para a popularização e prática massiva do entretenimento como regra é colocada sobre o novo formato trazido por Tiago Leifert ao Globo Esporte, já exposto aqui anteriormente, e que é listado por Oselame (2010) em seis características principais. São elas: "banalização da notícia, descaso com a técnica jornalística, exacerbação do humor, reinterpretação do conceito de criatividade, empobrecimento do texto e [...] forte tendência a transformar o jornalista não apenas em um artista, mas na própria notícia" (OSELAME, 2010, p. 65).

Deste modo, vale aqui lembrar que a crítica não é direcionada ao entretenimento e a leveza/dinamismo que este traz aos informativos esportivos, mas sim aos pontos prejudiciais que os profissionais da área executam em relação à transmissão fidedigna dos fatos, o que é uma obrigação jornalística não importando qual seja a editoria em atuação. É claro e evidente que o jornalismo esportivo é direcionado para um viés diferente, por exemplo, do jornalismo investigativo por sua própria essência. Mas nisto consta a crítica aqui explicitada: esse viés natural não elimina o que de fato é fazer jornalismo.

De fato, a atração ficou mais leve, com menos aparência de telejornal e mais proximidade com uma conversa informal, um bate-papo. O curioso e o inusitado foram privilegiados em detrimento do que antes era tido como informação importante. Basta uma observação empírica do Globo Esporte para perceber que a lógica do entretenimento na produção dos programas esportivos. Por exemplo: entre uma reportagem sobre os motivos das vaias a Ricardo Teixeira, na cerimônia de premiação do Craque do Brasileirão ([edição 2010](#)) e a curiosidade sobre o argentino Conca, que foi eleito o melhor jogador do campeonato, a preferência foi dada ao segundo assunto. (OSELAME, 2010, p. 64, grifo nosso).

Mesmo com todas as críticas, os defensores do entretenimento afirmam que a nova roupagem colocada sobre o jornalismo esportivo é boa e saudável. É digno de nota que é praticamente unânime a ressalva que o excesso do humor e descontração geralmente desvia o caráter jornalístico do âmbito dos esportes na televisão, o qual "se confunde, frequentemente, com puro entretenimento" (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 13). Mas ainda assim, apesar de críticas vigentes, jornalistas atuais defendem a nova proposta entretida de informação nos esportes. O próprio Tiago Leifert chega até mesmo a criticar o jornalismo esportivo em si, usando a sua já conhecida expressão do smoking numa rave.

Jornalismo esportivo é uma coisa sem vida, sem emoção, sem paixão, isto está na matéria do exame de doping, em uma briga de torcida. Mas o esporte é legal porque ele diverte, ninguém assiste ao jogo do Corinthians para se informar, assiste para se divertir, para torcer, xingar o juiz. O jornalismo no Globo Esporte estava muito pesado, eu brinco que a gente estava numa rave usando smoking. Hoje eu acho que é muito mais entretenimento do que informação, ele tem um peso maior no programa (LEIFERT⁴, 2009, apud RANGEL, 2010).

⁴Tiago Leifert é formado em Jornalismo e Psicologia pela Universidade de Miami e trabalha na Rede Globo desde 2006. Atualmente é editor-chefe e apresentador do Globo Esporte de São Paulo, além de ser apresentador do programa de entretenimento The Voice Brasil.

Essa tentativa de obediência à visão do público, ou melhor, que alguns jornalistas associam a ele⁵, objetiva justamente a aproximação entre programa e telespectador para ganhar a atenção do último. E não foram apenas os programas com a estrutura de apenas um apresentador transmitindo as notícias que abraçaram o modelo defendido por Leifert, acima descrito. Programas com espaço para os debates esportivos entre os comentaristas presentes também apostam no entretenimento como alicerce para suas programações. E em alguns destes, como é o caso novamente do Jogo Aberto da Rede Bandeirantes, utilizam-se efeitos sonoros, computação gráfica, figurino e acessórios em seus apresentadores, danças e até mesmo piadas anteriormente planejadas para realizar durante o programa. Até mesmo discussões calorosas entre os comentaristas já são uma característica editorial pautada para as exibições dos programas. O jornalista Mauro Beting, que já foi participante deste tipo de programação, critica veementemente, e com sentimento de visível frustração, a postura que é praticada e incentivada pelos jornalistas participantes destes debates esportivos.

Na era do entretenimento acima de todas as coisas, o jornalismo esportivo como um todo virou entretenimento esportivo. Na TV arreganhada – quero dizer, na TV aberta –, então, mais importante que a câmera é quem vai estar na frente dela. [...] O debate tem que bater. Não interessa o que se fala, mas o que se grita e o que não se deixa falar. A polêmica pela polêmica. Uma opinião abalizada, equilibrada, que tenta entender o outro lado, que dá margem ao pensamento contrário, que coloca fatos e deixa espaço para a opinião alheia, essa deve ser combatida. [...] Não dá Ibope. [...]. É assim que se faz, é assim que hoje se paga. As televisões jogam aberto. Fazem propostas aos profissionais da imprensa perguntando na lata: “quem você pode trazer de patrocinador”? (BETING⁶, 2005apud OSELAME, 2010, p. 66).

E se existe um fator claramente negativo que essa tenaz tentativa de aproximação pode trazer, e quase sempre traz, ao jornalismo esportivo é a parcialidade por parte do programa. Intencionalmente ou não, uma brincadeira com um determinado time de futebol, por exemplo, é posicional em relação ao rival do mesmo time, isto é, quando se faz zombaria constante de um resultado negativo por parte de um clube, se dá voz às torcidas rivais desse clube. Em alguns programas os jornalistas ainda tentam assumir certa neutralidade, mas em outros casos, os participantes defendem as cores dos seus clubes e ainda provocam os comentaristas rivais. Um exemplo para essa afirmação é o programa Alterosa Esporte, transmitido pela TV Alterosa em Minas Gerais, o qual

⁵Sobre o tema, é interessante o conceito de audiência presumida, proposto por Alfredo Vizeu (2004).

⁶Mauro Beting faz parte da imprensa esportiva desde 1990. Atualmente participa de várias emissoras de TV e de Rádio, como é o caso da Rede Bandeirantes, Esporte Interativo e TV Lance! Para mais informações <http://blogs.lancenet.com.br/maurobetting/>

tem um apresentador (Leopoldo Siqueira) e mais três comentaristas, sendo que cada um deles vão ao programa com a camisa de seus times, assumindo o papel de torcedor durante o programa. São eles: Dario José dos Santos (Atlético Mineiro), Otávio di Toledo (América Mineiro) e Artur Rodrigues (Cruzeiro).

E essa característica se trata de algo que, definitivamente, interfere na qualidade de conteúdo. A informação, neste caso, deu lugar a uma discussão de torcedores que pode ser encontrada em qualquer esquina da cidade. O trabalho de um jornalista, e aqui ignorando o fato de que muitos deles não são jornalistas, deste modo não é nada melhor do que o de dois torcedores que discutem calorosamente (e poderíamos acrescentar até irracionalmente) a defesa dos seus times sem uma visão analítica e crítica.

Portanto, a discussão continua para que um conteúdo plausível seja produzido por parte dos profissionais em jornalismo esportivo na televisão. Apesar da linguagem do esporte televisivo não exigir um "smoking", não é correto se despir dos critérios e da ética jornalística para alcançar (se é que efetivamente alcança) uma suposta aproximação com o público e também para arrebanhar mais audiência da concorrência. Deste modo, o convívio entre entretenimento e jornalismo precisa alcançar um ponto sustentável, em que a linguagem mais solta e dinâmica não interfira na transmissão do conteúdo relevante de forma fidedigna. E também que as técnicas e o fazer jornalismo não limitem excessivamente esporte na TV distanciando este do público.

Tendo em vista que o predomínio do entretenimento nos programas jornalísticos sobre esporte é relacionado às estratégias comerciais das emissoras de televisão, a proposta desse trabalho é compreender como nos canais públicos ocorre esse diálogo entre categorias televisivas. Para isso, no capítulo seguinte, apresentamos o conceito e o histórico das emissoras públicas de TV no Brasil.

3. O ESPORTE NA TV PÚBLICA

É de objetivo desse trabalho, como já é claramente evidenciado no título desta obra, perceber como o fator entretenimento permeia o jornalismo esportivo no âmbito da TV pública. Para isso, é de grande valia um breve panorama geral de todo o conteúdo esportivo, seja ele de programas esportivos e/ou transmissão de eventos, nas emissoras públicas de televisão no Brasil. Mas para alcançar tal patamar, é necessário, anteriormente, perceber o peculiar contexto do surgimento e consolidação da ideia de TV pública no Brasil, suas características em relação às demais televisões públicas em outros países, seu perfil atual e também uma certa perspectiva para o futuro das mesmas.

3.1 A TV PÚBLICA NO BRASIL

"A televisão pública brasileira foi construída e pensada em um cenário, desde o início, marcado pelo predomínio das emissoras comerciais" (CARVALHO, 2013, pág. 131). É nesse contexto, desde do primórdios da televisão em território nacional, que a TV pública tenta emergir na sociedade. E, como afirma Juliana Marques de Carvalho (2013), tal fato é digno de destaque como atenuador da dificuldade de se instaurar uma televisão de caráter público no Brasil.

Embora a televisão ainda não existisse no cenário brasileiro, foi na década de 1920, no meio radiofônico, que a ideia de uma tv pública começou a ser construída no Brasil. O antropólogo Edgard Roquette Pinto, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923. A emissora foi "fundada exclusivamente para fins científicos, técnicos, artísticos e de pura educação popular" (CARVALHO, 2013, pág. 134), andando num caminho contrário ao futuro publicitário-econômico que o rádio tomaria, principalmente após o presidente Getúlio Vargas autorizar, em 1932, a veiculação de publicidade nas emissoras.

Com a publicidade, as emissoras de rádio buscavam fazer programas que chamassem cada vez mais a atenção da população para conquistar sua audiência e conseguir contratos publicitários cada vez melhores. Assim, sem recursos publicitários e

com uma concorrência mais atraente, Edgard Roquette Pinto não resistiu e doou para o Ministério da Educação, em 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Isto é, uma emissora com o ideal público de comunicação conseguiu resistir apenas quatro anos após a invasão publicitária no meio radiofônico.

É nesse contexto extremamente comercial que surgem as primeiras emissoras televisivas no Brasil. O ideal de que a publicidade é o que garante as cifras de uma emissora, e que essa é adquirida através da audiência, fez com que a TV Tupi (primeira emissora de TV do país), por exemplo, já demonstrasse logo em seu início que seria "dedicada ao entretenimento" (CARVALHO, 2013, pág. 135). Deste modo, as oportunidades para a criação e uma conquista de audiência por uma emissora de televisão pública eram praticamente nulos.

Após uma fase inicial caracterizada como elitista da televisão no Brasil, o grande crescimento do meio veio acompanhado, logicamente, pelo considerável crescimento de valor dos contratos publicitários. E, assim como no meio radiofônico citado anteriormente, os programas buscavam um acréscimo na audiência a todos os custos. Logo, o papel educacional e cultural da televisão foi extremamente prejudicado, deixando, deste modo, uma lacuna na oferta à população brasileira. Carvalho (2013) evidencia o contexto e suas respectivas consequências.

A expansão das transmissões televisivas evidenciou que um dos seus principais objetivos era ampliar o setor publicitário, através do comércio de produtos e serviços por meio do entretenimento. Não havia uma concepção científica e nacional, a finalidade era formar consumidores e não cidadãos. Segundo Hossoé (2012) esta característica, foi determinante para sustentar a iniciativa privada de maneira tão profunda e por um longo período que perdura até os dias de hoje no país. (CARVALHO, 2013, pág. 136)

Mas é na década de 1960, quando o Brasil passa a viver sob regime ditatorial, que uma esperança para a TV pública começa a surgir. O Brasil na época se caracterizava como um país sem mão de obra qualificada devido à sua defasada educação. E para um país em crescente ritmo de industrialização, a necessidade de qualificação e capacitação era nítida. Tomando como primeiro passo de ação educacional para atingir o objetivo proposto, surgiu em 1968, a TV Universitária do Pernambuco, oriunda de um acordo entre o governo do Estado e da Universidade Federal do Pernambuco.

E a postura tomada em 1968 foi apenas o início para uma espécie de movimento televisivo no campo das emissoras educativas. Na TV Cultura, por exemplo, alguns anos depois, mais programas de cunho educacional seriam veiculados para atender exigências do governo militar. Teresa Otondo (2002) lembra:

Em 1961, os Diários Associados abriram espaço para a Secretaria de Educação do Estado de S. Paulo. Com quatro horas de cursos diários, foi o primeiro passo para a criação da TVCultura. (...) Em 1967, o próprio governo comprou a emissora dos Diários Associados, naquela época totalmente arruinada, e com dívidas por toda parte. (...) Em 69, uma vez analisados os problemas jurídicos e financeiros, o governo criou a Fundação Padre Anchieta e a TVCultura começou a funcionar, em 16 de julho. Em 1975, sete dos 21 Estados brasileiros já tinham o seu canal educativo regional estatal. (OTONDO, 2002, p. 271-272)

Araújo (2008) reforça que a "intenção criadora das emissoras educativas no Brasil é claramente pedagógica" (ARAÚJO, 2008), lembrando que qualquer espécie de publicidade era proibida por lei de ser transmitida nos canais educativos. Para isso, a autora resgata o Decreto-Lei 239 do ano de 1967:

Art. 13. A televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates.

Parágrafo único. A televisão educativa não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos.

Art. 14. Somente poderão executar serviço de televisão educativa:

- a) a União;
- b) os Estados, Territórios e Municípios;
- c) as Universidades Brasileiras;
- d) as Fundações constituídas no Brasil, cujos Estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações. (BRASIL, 1967)

Seguindo o modelo discriminado na legislação acima transcrita, os telecursos chegaram até mesmo a conceder diplomas a partir de 1971. Mas apesar de útil para a população, a programação das emissoras educativas era distante da realidade diária do cidadão brasileiro. Enquanto canais comerciais utilizavam habilmente a linguagem audiovisual, veiculando assuntos de interesse da população, as aulas e programas educativos apareciam em um patamar bastante abaixo de seus "concorrentes". Deste modo, a própria educação se tornava um processo mais laborioso e difícil e, deste modo,

perdia grande parte da sua eficácia. Germán Rey (2002), escrevendo sobre o cenário da televisão educativa em toda a América Latina, traça um panorama comum que se encaixa perfeitamente no âmbito brasileiro.

De um lado, estavam os projetos de televisões comerciais, que ficavam com as emoções, os relatos dramáticos, o entretenimento; e do outro, a televisão educativa, que começou reproduzindo na tela as metodologias e didáticas empregadas na sala de aula. A esquizofrenia foi rapidamente percebida: a escola e a televisão educativa pertenciam a um exterior longínquo e desvinculado das mudanças que estavam ocorrendo (sociedades mais urbanas, variações de gênero, culturas juvenis em expansão), enquanto que as televisões comerciais tinham um relacionamento muito mais forte com o público, ocupando um território informativo, educacional e imaginário ao qual as televisões educativas tinham renunciado, devido à ênfase colocada na educação e nos seus mandatos de difusão (REY, 2002, p.92).

Mas ainda que a implantação das emissoras de TV educativas tenha tido suas dificuldades e limitações, como a relação com a população e a ausência de suporte financeiro para a produção de conteúdo (exceto quando os canais eram financiados por grupos políticos interessados em usar o meio para proveito próprio), "foi justamente a partir da rede de televisões educativas, que os projetos de televisão pública começaram a tomar forma no Brasil" (ARAÚJO, 2008). Através desse viés, vários grupos, sistemas, instituições e programas que, com o decorrer de décadas, fizeram chegar à criação e implementação da TV Brasil em outubro de 2007. Entre estes grupos e instituições, pode-se citar a Fundação Centro Brasileira de TV Educativa (FCBTVE - 1978); Programa Nacional de Teleducação (PRONTEL - 1972); Secretaria de Aplicações Tecnológicas (SEAT - 1979); Sistema Nacional de Televisão Educativa (SINTED - 1979); Sistema Nacional de Radiodifusão (SINRED - 1983); FUNTEVÊ (apenas substituição da antiga sigla FCBTVE - 1982), Fundação Roquette Pinto (FRP - 1990); Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP - 1998); Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC - 1998); Rede Pública de Televisão (RPTV - 1999), entre outros.

Após vários anos de luta para a produção e veiculação de uma programação independente e também para um maior orçamento (este inviabilizado pela lei que proibia a veiculação, e seu conseqüente financiamento, de publicidade), a virada do século cria novos panoramas para a tv pública no país. Fatos como a "maior interação entre as emissoras", "a implantação da televisão digital" e a "realização do I Fórum

Nacional de Televisão Pública" (CARVALHO, 2013, pág. 140), encaminharam um processo que, em 2007, culminaria na criação da Emissora Brasil de Comunicação (EBC), tendo como responsabilidade a administração das emissoras nacionais de televisão e rádio públicas. E tal ação serviu como um degrau para o surgimento em outubro de 2007, mas com o início das transmissões no dia 2 de dezembro de 2007 (juntamente com o início do sinal digital no país), da Tv Brasil, que se caracteriza como um marco na história da televisão pública pelo seu alcance a nível nacional. Ainda que esta tenha começado suas transmissões apenas nas capitais Rio de Janeiro, Brasília e São Luís, hoje o sinal da emissora alcança, em sinal aberto, sete estados do país; mas se levarmos em conta sua extensão em antenas parabólicas e tvs por assinatura, é possível assistir a programação da Tv Brasil em todo o Brasil⁷.

Embora a Tv Brasil possa ser considerada como um grande avanço no âmbito da televisão pública no Brasil, representando uma "ponta de uma nova Rede Pública de Televisão" (CARVALHO, 2013, pág. 142) sua implementação foi cercada de polêmica por causa dos métodos adotados e até hoje existem pesquisadores que defendem um avanço democrático no canal. Meleiro e Mendonça ressaltam a ausência da opinião cidadã num processo que, logicamente, deveria ter a participação ativa neste da formação de uma emissora pública de televisão.

No entanto, no projeto da nova TV patrocinada pelo governo Lula, há uma série de distorções, tanto nos pressupostos que lhe deram origem, quanto no meio escolhido para a sua implantação. A pressa com que o processo foi conduzido foi tão evidente que o principal interessado – o cidadão – como sempre não sentou à mesa de discussões. Pelo menos, não como protagonista. A iniciativa atropelou o escrutínio do Congresso e já está no ar desde 2 de dezembro de 2007, por força de uma medida provisória cujo cerne foi aprovado pela Câmara. (MELEIRO; MENDONÇA, 2009)

Bolaños e Brittos (2008) afirmam que não se trata apenas de todo um histórico televisivo conturbado, o qual transcende o âmbito público, mas sim um presente que precisa de mudanças para um progresso rumando uma maior democratização do sistema.

⁷Informações retiradas do próprio site da emissora que estão disponíveis no link: <http://tvbrasil.ebc.com.br/comosintonizar>

... a criação da TV Brasil, embora represente, em si, um avanço democrático na organização da mídia no país, não elimina a necessidade de mudanças estruturais profundas, no sentido da democratização do sistema brasileiro de televisão no seu conjunto, constituído num momento histórico ultrapassado, seja do ponto de vista político, seja do próprio desenvolvimento tecnológico e econômico geral e, especialmente, do campo das comunicações. (BOLAÑOS; BRITTOS, 2008, pág. 1)

Mas apesar de todas as discussões atuais e ramificações (entre elas políticas, televisivas, públicas etc.) presentes nesse debate sobre a TV Brasil, cabe nesse texto nos limitar aos aspectos, relacionados ao objetivo deste trabalho. Atualmente a Tv Brasil e a Tv Cultura (gerida pela Fundação Padre Anchieta, após fundação na década de 1960), formam a grande referência sobre o qual está consolidado a ideia de televisão pública nacional. Ambas já possuem sinal digital e, em algumas regiões do país, já transmitem parte da sua programação em alta definição.

3.2 A HISTÓRIA DO ESPORTE NA TV PÚBLICA

Objetivando analisar o fator do entretenimento no telejornalismo esportivo público, é significativo ressaltar a trajetória da editoria esportiva nos canais de televisão públicos no decorrer dos anos. Conhecer os pioneirismos, as evoluções, as linhas editoriais escolhidas e até mesmo as transmissões esportivas que marcaram época no país é o que deve ser destacado nas próximas páginas para, desse modo, obter um maior conhecimento para a questão chave desse trabalho. Por uma questão de organização, e também de metodologia, o assunto tema será dividido em duas partes; a primeira ressalta os programas esportivos que permearam a programação pública, e logo depois o foco se direciona para as transmissões de eventos esportivos, que vão desde de Copa do Mundo até a terceira divisão do campeonato brasileiro de futebol.

3.2.1 Os programas

Se é possível afirmar que existe uma emissora pioneira na foco aos esportes no âmbito da televisão pública, essa foi a TV Cultura. Como já ressaltado neste trabalho, a TV Cultura foi fundada no ano de 1969, e desde seus primeiros anos dá grande enfoque aos esportes na sua grade de programação.

Os primeiros programas relacionados ao tema a serem exibidos pela emissora foram veiculados no ano de 1970, mesmo ano da Copa do Mundo de Futebol realizada no México (na qual o Brasil se consagrara tricampeão mundial), o que fez os programas serem pautados por assuntos futebolísticos quase em sua totalidade. Os programas eram "História do Esporte" e "É Hora de Esportes", sendo este último considerado um dos pioneiros por ser o primeiro jornal esportivo exibido na hora do almoço. Considerado um marco no telejornalismo esportivo brasileiro e com longevidade que durou décadas na programação da TV Cultura. A equipe era basicamente composta Luís Noriega, Mário Travaglini, Rubens Minelli e Orlando Duarte, este último que tinha como característica o jargão que se tornou muito popular: "Esporte também é cultura". Já em 1971, apenas uma pequena mudança editorial ocorre no "É Hora de Esportes". O programa, que era voltado exclusivamente ao futebol, abriu espaços para outras temáticas, principalmente para a prática esportiva⁸.

Em 1975, mais um programa esportivo é inserido no que refere-se a exibições relacionadas ao esporte na TV Cultura: O Esportevisão, considerado por muitos a primeira revista eletrônica de esportes no Brasil. O programa continha praticamente a mesma equipe de profissionais presente nos programas anteriores aqui citados e perdurou por épocas, passando até mesmo a ser transmitido pela recente TV Brasil (embora com uma pequena alteração no nome: EsportVisão, o qual terá a estrutura e linha editorial ainda comentados neste texto). Sua última exibição foi veiculada 2013, quando, no dia 9 de junho, o apresentador Sérgio do Bocage, acompanhado dos comentaristas Márcio Guedes e Alberto Léo, anunciaram a substituição do programa pelo atual "No Mundo da Bola", objeto de estudo deste trabalho.

Alguns anos após o Esportvisão surge um dos primeiros programas esportivos com enfoque um pouco distanciado do futebol. O Stadium, transmitido atualmente pela Tv Brasil, é exibido todos os sábados durante o período da tarde. O programa foi lançado em 1978 na TVE-Rio. Em sua estreia, a apresentadora Rosemary Araújo afirmou que o programa teria como viés temático os esportes olímpicos, além de propor-se a “divulgar e despertar, principalmente nos jovens, um interesse pelo esporte

⁸As informações citadas foram retiradas de um quadro especial na internet feito pela TV Cultura em comemoração aos seus 40 anos de história. O especial está disponível no link: <http://www3.tvcultura.com.br/40anos/linha-do-tempo-60/b1969>

amador”⁹. Embora os esportes olímpicos ainda sejam pauta do programa, o mesmo sofreu modificações no seu conteúdo, linguagem e linha editorial com o passar do tempo. Para perceber essa diferença vale citar a definição atual do programa no próprio site da TV Brasil¹⁰:

Stadium é uma revista semanal que procura mostrar de um jeito diferente tudo que movimenta o mundo do esporte. O programa abre espaço também àqueles que ainda não têm apoio para viver do esporte, mas representam uma promessa de títulos para o Brasil. (Disponível em <http://www.tvbrasil.ebc.com.br/stadium/sobre>)

Atualmente o programa é apresentado por Daniela Christoffer e Naná Nascimento. São eles também os repórteres que aparecem nas matérias veiculadas durante todo o programa e, deste modo, são os que conduzem o "Stadium" do seu início ao fim.

Seguindo a mesma linha editorial do Stadium, surge, na TV Cultura, em 1986 o programa Vitória, que se apresentava como um "programa de formato inovador, com foco em esportes radicais pouco abordados pela mídia, como skate, surf, snowboard, voo livre, mountain bike entre outras modalidades"¹¹. Comandado pela apresentadora Graziela de Azevedo e com uma linguagem bem solta e contato direto com o telespectador, o programa ia ao ar todos os domingos às 20h, obedecendo em todas as linhas a proposta para os esportes alternativos e radicais, inclusive na trilha sonora, composta por rocks e ritmos modernos para a época. O programa teve duração até o ano de 1993, quando saiu da grade de programação.

Se o ano de 1993 foi o ano que marcou o fim do programa Vitória, foi neste mesmo ano que teve início o programa Cartão Verde, exibido até hoje todas as terças-feiras na Tv Cultura. Idealizado por Michel Laurence (jornalista esportivo e um dos fundadores da revista Placar), o programa ocupou o horário de domingo anteriormente ocupado pelo Vitória. Mas até a atualidade o programa percorreu um caminho marcado por troca de dias, horários e apresentadores. Suas transmissões, por exemplo, perduraram no domingo até o ano de 2002, ano em que o Cartão Verde passou a ser exibido na segunda-feira. Nos anos seguintes o programa chegou a ser feito na quarta e

⁹Disponível no canal da Tv Brasil no youtube. com: <<http://www.youtube.com/tvbrasil>>

¹⁰<<http://tvbrasil.ebc.com.br>>

¹¹Disponível em: <http://www3.tvcultura.com.br/40anos/linha-do-tempo-80/b1986>

na quinta-feira, mas desde 2010 as exposições são feitas regularmente nas terças-feiras, às 22h.

Mas embora o programa tenha sofrido várias alterações com o passar dos anos, seu estilo, estrutura e linha editorial se mantiveram intactos. O formato de mesa-redonda¹² é adotado até hoje, mantendo o tom de conversa e discussão sobre os assuntos (principalmente sobre futebol) pertinentes. Tal formato se espalhou com eficácia no Brasil, sendo, possivelmente, um dos estilos de programa esportivo mais presente nas mais diversas emissoras, sejam elas públicas ou comerciais (abertas ou em tvs por assinatura)

Durante sua caminhada o programa contou com um rol de profissionais de grande respeito no campo do jornalismo esportivo nacional, sendo digna de nota, entre eles, a participação de profissionais como Armando Nogueira, Juca Kfourir, José Trajano e Flávio Prado. Atualmente o programa é comandado pelo apresentador Vladir Lemos, tendo ao seu lado como comentaristas o jornalista Vitor Birner, o professor universitário Celso Unzelte e o ex-jogador de futebol, inclusive participante de Copa do Mundo com a seleção brasileira, Roberto Rivellino.

Com o sucesso consolidado do Cartão Verde por décadas, a Tv Cultura fez a audaciosa aposta ao criar, no ano de 2012, um programa esportivo infantil: Cartãozinho Verde. O programa é dirigido pela apresentadora Paula Vilhena (embora em seu início fosse apresentado por Cristina Mutarelli) e contém, como seu grupo de comentaristas, quatro crianças, cada qual com a camisa de um dos mais populares grupos do estado de São Paulo: Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos. Com apenas quinze minutos de duração no ano de 2012, o programa parece ter surtido bons resultados na emissora pública, o que motivou em março de 2013, um aumento na sua duração para trinta minutos.

O formato do programa se mantém apegado à sua "versão adulta", ou seja, ao seu modelo inspirador. A apresentadora dirige o tema e deixa que os comentaristas mirins discorram suas opiniões entre si diante do público, ou seja, mesmo na nova

¹²O formato mencionado de programas esportivos geralmente é referido a uma mesa de debates, não necessariamente redonda na questão física. Dirigido por um apresentador que dá direção aos assuntos que serão discutidos naquela edição, o formato também conta com comentaristas que discutem tais temáticas. Comumente o número e comentaristas é limitado a três ou, no máximo, quatro participantes.

aposta do programa mirim, a identidade do tradicional programa esportivo ainda é mantida em suas novas variações.

Outro modelo de programa surge em 2005, quando foi criado o programa "Entrando De Fininho", apresentado pelo famoso tenista brasileiro Fernando Meligeni. O apresentador fazia reportagens sobre os mais variados esportes (muitas vezes até mesmo praticando os mesmos) entrevistando atletas dentro de piscinas, uniformizado numa quadra de futebol etc. Em um registro¹³ do programa, Fernando Meligeni vai às categorias de base de futebol do Santos para conhecer os "meninos da vila" e, quando se arrisca a jogar com eles, recebe um chapéu de um garoto de até então 12 anos, chamado Neymar. Apesar de um bom conteúdo, e da participação de atletas de referência no esporte, o programa não durou muito tempo na Tv Cultura sendo retirado alguns anos depois da grade de programação. Atualmente, Fernando Meligeni está vinculado aos canais ESPN, desenvolvendo praticamente o mesmo programa na emissora fechada, isto é, entrevista personalidades e atletas das mais diferentes modalidades sendo que, no final, o convidado e o apresentador disputam uma partida de tênis. O programa, inclusive, herdou o mesmo nome de seu predecessor: "Entrando de Fininho".

Em 2008, apresentado por Thaissa Duarte e Rodrigo Hinkel, o programa Conquista aparece na programação da Tv Cultura. Se tratava de mais um programa a fazer reportagens que geralmente não passam pelos critérios de fatos noticiáveis de jornais esportivos gerais: jogo de botão, álbum de figurinhas, saltos ornamentais etc. O programa também não resistiu por muito tempo e deixou de ser transmitido poucos anos após seu início.

O mais recente programa esportivo relevante no cenário televisivo público brasileiro é "No Mundo da Bola", transmitido semanalmente aos domingos pela Tv Brasil. Substituindo o tradicional Esportevisão, já citado anteriormente, o novo programa parece se tratar apenas de uma substituição de nome, já que manteve as características presentes em seu formato antecessor. Com os mesmos apresentadores e comentaristas, o programa ainda mantém a postura de convidar colunistas de jornais locais, comentaristas de outras emissoras e jogadores para a participação do programa.

¹³Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=065xiVHHtzU>

Desta forma, a questão da mudança do nome (acompanhada apenas pela mudança no cenário) parece apenas ser uma intenção de uma chamada de atenção para o programa repaginado.

3.2.2 As transmissões esportivas

Passado por um breve, porém rico, panorama dos programas esportivos que permearam as emissoras televisivas público-educativas no Brasil durante as últimas décadas, cabe aqui agora ressaltar a um vasto campo que contém momentos que são retransmitidos até hoje por todas as emissoras: as transmissões esportivas realizadas pelas emissoras de tv pública no país.

Não é necessário ampliar o texto aqui redigido para o âmbito de início das transmissões esportivas anterior às da tv pública pelo fato de um breve histórico ter sido feito no primeiro capítulo deste trabalho, sendo que este chega envolver até mesmo o meio radiofônico.

Com uma famosa equipe esportiva reconhecida pela população, os início das transmissões esportivas na esfera da tv pública se deu na Tv Cultura nos anos 70. A emissora optou por dar o enfoque aos esportes amadores na época e realizar a transmissão das mais diferentes tipos de esporte ao vivo para a população. Rocha (2006) afirma que "a TV Cultura também foi responsável pela transmissão de competições de atletismo (Jogos Abertos do Interior e Campeonato Brasileiro), natação, vôlei, basquete e outros esportes olímpicos" (ROCHA, 2006, pág.174).

E até mesmo a equipe técnica de transmissão era reconhecida por onde passava. Com um ônibus inteiramente verde, era fácil perceber a presença da equipe da Tv Cultura nos eventos esportivos. O "gafanhoto", como foi apelidado o veículo por sua cor, era um instrumento essencial e moderníssimo (levando em conta a esfera das tvs educativas) para a tecnologia oferecida aos telespectadores. Algumas delas foram pioneiras no cenário nacional, como, por exemplo, a utilização do cronômetro que marcava o tempo de jogo na tela e o uso do videoteipe para transmissões de eventos nos dias posteriores.

Rocha (2006) cita em seu trabalho o depoimento à Tv Cultura do emblemático jornalista esportivo Luís Noriega, na qual o entrevistado relembra os tempos das transmissões televisivas de esportes amadores:

A TV Cultura foi pioneira na cobertura dos esportes amadores. Fazíamos transmissões de tênis, automobilismo, vôlei, basquete, hipismo e atletismo. Ainda lembro das partidas memoráveis da Taça Davis e também dos amistosos internacionais de futebol, que transmitíamos ao vivo." (NORIEGA, apud ROCHA, 2006, pág. 173-174).

Se a Tv Cultura se consolidaria de fato no ano do tricampeonato da Copa do Mundo do Brasil (1970), a transmissão do torneio de 1974 (realizada na antiga Alemanha Oriental) foi um feito notório por parte da emissora. Embora a campanha da seleção não tenha sido de tamanho sucesso como a realizada no México (o Brasil ficou apenas em quarto lugar), os brasileiros puderam acompanhar as emoções da competição em uma emissora de caráter público pela primeira vez. O mesmo aconteceu na Copa de 1978, na vizinha Argentina, onde os narradores Luiz Noriega e Walter Abrahão, os quais também narraram a Copa anterior, transmitiram a conquista do primeiro campeonato mundial da arquirrival Argentina (o Brasil ficou em terceiro lugar, sendo anteriormente eliminado pelos anfitriões). Carvalho (2013) afirma que até este ano a transmissão das Copas do Mundo era de direito restrito à Tv Cultura (CARVALHO, 2013, pág.137).

Já a Copa na Espanha, no ano de 1982, trouxe uma novidade às transmissões da Tv Cultura. Pela primeira vez a emissora iria transmitir os jogos em parceria com outra emissora (que por sinal não se tratava de uma com o caráter público, mas sim comercial): a Rede Globo. Os narradores também foram alterados. Luciano do Valle e Galvão Bueno foram os designados para transmitir ao Brasil a campanha da seleção canarinho (vale ressaltar que os narradores citados ainda continuam em atividade na Rede Bandeirantes e na Rede Globo, respectivamente; sendo estes, pertencentes ao rol dos mais tradicionais narradores esportivos da televisão brasileira). A Copa, lembrada como algo trágico pelos contemporâneos, terminou com o Brasil sendo eliminado pela Itália com 3 gols de Paolo Rossi, sendo que, segundo muitos, o Brasil, recheado de craques como Zico, Falcão e Júnior, tinha o futebol mais vistoso do mundo na época.

Com o passar dos anos e o início do domínio das transmissões esportivas por parte da Rede Globo, a Tv Cultura veio se aventurar novamente em 1998, quando transmitiu a extinta Copa da Europa (substituída pela atual UEFA Europa League), isto

é, a segunda mais importante competição entre clubes do velho continente, superada apenas pela Liga dos Campeões da Europa.

O ano de 2005 também se tratou de um ano marcante para as transmissões esportivas na Tv Cultura. Além de alcançar a façanha de transmitir a Copa das Confederações (conquistada pela seleção brasileira na Alemanha), também foram exibidos outros torneios de futebol, como é o caso da segunda divisão do campeonato paulista e a tradicional Copa São Paulo de Futebol Júnior. Além do futebol, vale lembrar também que o vôlei teve grande espaço e até mesmo prioridade nas transmissões. Foram três as competições de vôlei exibidas nesse ano: a Super Liga de vôlei masculino (principal competição entre clubes da modalidade no país) e o Campeonato Paulista, tanto sua edição masculina como a feminina.

Atualmente a transmissão esportiva perdeu grande espaço na Tv Cultura e parece até mesmo não se tratar de uma preocupação por parte da equipe organizadora, já que, no site da emissora¹⁴, entre suas principais editorias não consta nenhuma esportiva e até mesmo um conteúdo de informação esportiva é muito deficiente em relação a outras emissoras.

Mas quando o cenário parecia desolador a Tv Brasil fez emergir bons ares novamente no que diz respeito às transmissões esportivas de emissoras públicas. No dia nove de outubro de 2010 a emissora começou a transmitir com exclusividade, através de uma parceria com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), as quartas-de-final da terceira divisão do campeonato brasileiro de futebol. Ainda que pareça um torneio irrisório no milionário cenário atual de transmissões esportivas, o torneio sempre conta com clubes de grande e massiva torcida em suas regiões, o que, por lógica consequência, atrai uma maior audiência para a emissora na exibição dos jogos. Em 2010, por exemplo, nas quartas-de-finais estavam presentes: Criciúma (atualmente na primeira divisão e com a terceira maior média de ocupação no estádio da série A em 2013¹⁵) e Paysandu (tradicionalíssimo clube de Belém que, à sua altura no quesito torcida, tem apenas o rival Remo em todo o estado).

¹⁴<http://tvcultura.cmais.com.br/>

¹⁵<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/publico-brasileirao.html>

Enquanto isso, na edição seguinte do torneio (2011), foi a vez do Joinville (outra equipe de tradição e de torcida representativa em Santa Catarina) conquistar a competição com a transmissão da Tv Brasil. Mas a Série C não foi o único evento esportivo transmitido para todo o Brasil pela emissora pública. No mês de julho, especificamente entre os dias 16 e 24, foram realizados, no Rio de Janeiro, os Jogos Mundiais Militares, evento preparatório para os Jogos Olímpicos de 2016 que serão realizados na capital carioca. O evento, transmitido pela Tv Brasil, contou com mais 5500 atletas, os quais representaram mais de 80 países. No final dos jogos, o Brasil terminou em primeiro lugar no quadro de medalhas, com 45 medalhas de ouro, 33 de prata e 36 de bronze.

Voltando ao panorama do futebol, em 2012 a Tv Brasil não conseguiu os direitos de transmissão da Série C, já que os mesmos foram vendidos pela CBF à Rede Globo. Mas se em 2012 o jeito foi apenas ficar de braços cruzados, em 2013 a Tv Brasil consegue o seu maior feito, em toda a sua história, com o torneio.

Trata-se do caso do Santa Cruz, equipe de maior torcida do estado de Pernambuco, que sempre possui, já por vários anos seguidos, uma das maiores (se não a maior) médias de público nos estádios em todo o Brasil, contando todas as divisões. A conquista do campeonato por parte da equipe pernambucana em 2013 fez que os índices de audiência da Tv Brasil, nas fases finais do torneio (e principalmente nas finais), atingissem níveis que nunca chegaram nem perto de serem alcançados. Pela primeira vez em toda a sua história, a emissora assumiu a liderança na audiência em uma capital brasileira, que neste caso se trata de Recife (PE). Isso aconteceu no jogo que garantiu o acesso do clube à Série B, no dia três de novembro, quando, em Recife, o Santa Cruz venceu o Betim por 2 a 1 e, deste modo, garantiu o acesso para a segunda divisão nacional. A emissora conseguiu alcançar, mesmo com 60 mil pessoas dentro do Arruda, 11,54% no Ibope, chegando a atingir o índice de 19,48% no fim do jogo. A Rede Globo, em segundo lugar, registrava apenas 8,5 pontos¹⁶.

A impressionante audiência conquistada pela Tv Brasil resultou em destaque nos mais diversos meios de comunicação. Para limitar o enorme número de blogs regionais

¹⁶Dados retirados em notícia do portal UOL. Estes estão disponíveis em <http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/12/02/caca-rato-supera-sambista-e-jornalistas-famosos-e-tira-a-tv-brasil-do-traco/>

que destacaram o feito que os jogos causaram para a emissora pública, será restringido, neste texto, o destaque feito em dois veículos de comunicação relevantes no Brasil. O primeiro deles se trata do portal do UOL na internet. Na editoria UOL Esporte, o canal noticiou o sucesso de audiência da Tv Brasil um dia após o término do campeonato, isto é, dia 2 de dezembro de 2013. Se referindo aos principais nomes da Tv Brasil, ou seja, ao sambista Diogo Nogueira à jornalista Leda Nagle, o enfoque do título foi que o meia-campista do Santa Cruz, apelidado de Caça-Rato, conseguiu o feito que nenhuma programação anterior da emissora pública tinha conseguido.



Figura 2 - Destaque do portal UOL para a audiência conquistada na Tv Brasil¹⁷.

O renomado jornalista Juca Kfourri, também dentro das mídias do portal UOL, também deu destaque ao acontecimento, trazendo, em um breve levantamento, o índice de audiência da Tv Brasil comparado ao das outras emissoras abertas nos jogos contra o Betim e na final contra o Sampaio Corrêa. O fim da notícia com a matéria com a frase "gol da Tv Brasil" evidencia o sucesso alcançado pela emissora.

¹⁷Disponível em:<http://uoesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/12/02/caca-rato-supera-sambista-e-jornalistas-famosos-e-tira-a-tv-brasil-do-traco/>

Blog do **Juca Kfourri** UOL BLOGOSFERA

Anterior | Voltar à página inicial | Próximo

Série C faz sucesso na TV Brasil

Juca Kfourri 26/11/2013 | 17:15

Email +1 Tweetar 31 Recomendar 220 Imprimir Comunicar erro

No primeiro domingo deste mês, o jogo entre Santa Cruz e Betim, pelas semifinais da Série C, levou mais de 60 mil torcedores ao estádio do Arruda e conferiu à TV Brasil a liderança de audiência no Recife.

Segundo o Ibope, estas foram as audiências na capital pernambucana no domingo 3/11:

UOL Esporte 4.694.805 pessoas curtiram UOL Esporte. Plug-in social do Facebook @UOLESPORTE INO twitter Seguir

Figura 3 - Juca Kfourri levantou em números o sucesso da transmissão da Série C¹⁸.

Além do portal UOL, a outra mídia que será citada neste trabalho por dar destaque ao ocorrido será a revista Carta Capital, até mesmo para demonstrar o alcance que teve o feito pela revista não se tratar, em questões editoriais, de um veículo reproduzidor de conteúdo esportivo. A reportagem de capa da edição de número 774 da revista, abordava a guerra das emissoras de tv por causa do método de auferir a audiência brasileira. Não sendo de interesse o aprofundamento no conteúdo da matéria, cabe citar que, de caráter propedêutico para o assunto, foi utilizado o índice de audiência alcançado na Tv Brasil nos jogos do Santa Cruz.

¹⁸Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/11/serie-c-faz-sucesso-na-tv-brasil/>



Figura 4 - Carta Capital usou o acontecimento para introduzir sua matéria de capa.

Vale aqui citar o primeiro parágrafo escrito na matéria:

"Maior torcida de Pernambuco e um dos times mais populares do Brasil, o Santa Cruz conseguiu, no último domingo 3, voltar à Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro depois de seis anos. A conquista veio com uma vitória em casa por 2 a 1, diante de 60 mil torcedores. Trata-se até o momento do segundo maior público em um estádio do País neste ano. E da maior audiência da TV Brasil no Recife. Única a transmitir a partida, a emissora pública liderou na capital pernambucana, feito inédito em sua história desde a criação, ocorrida em 2008. Mérito do canal, sinal dos tempos". (BARROCAL, 2013)

Mas apesar do sucesso e da grande audiência conquistada com a última edição, ainda não é certa a transmissão da Série C no ano de 2014 na TV Brasil. Com o destaque e o sucesso conquistado no fator de audiência na última edição, o torneio ganhou mais visibilidade por parte das emissoras e deve ter uma concorrência maior para a obtenção dos direitos de transmissão. Além disso, o curto orçamento financeiro por parte da emissora também pode vir a ser um fator que impeça a transmissão, que, até o momento da redação deste trabalho, está indefinida.

4 O ENTRETENIMENTO NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO PÚBLICO

Após retratar temas fundamentais para discussão temática deste trabalho, cabe agora analisar e perceber como o fator do entretenimento permeia os programas esportivos atuais no conjunto de emissoras públicas de televisão. O objetivo é saber se estes seguem a mesma tendência dos programas esportivos de televisões comerciais, isto é, das características apresentadas no primeiro capítulo desta obra, ou se concentram em outro viés, seja ele de ausência de entretenimento ou até uma possível estratégia editorial própria.

Deste modo, para que a análise seja feita de forma mais profunda e qualitativa, para que, assim, se possa perceber com uma maior nitidez os aspectos relacionados ao entretenimento dentro dos programas, é necessário um recorte empírico dos programas esportivos veiculados na TV pública para tal exercício. Portanto, foram escolhidos os dois principais programas esportivos, que integram a programação de emissoras públicas de televisão de referência no Brasil (TV Brasil e TV Cultura). Assim, nesse trabalho a análise tem como objeto os programas *No mundo da Bola*, da Tv Brasil, e *Cartão Verde*, da Tv Cultura.

Como recorte empírico, temporal, foram selecionadas três edições de cada um dos dois programas para perceber a eventual existência de características de entretenimento em suas edições, sejam elas por posicionamento editorial ou não. A análise de cada programa será precedida por um panorama geral com informações sobre os dois programas tomados como foco da análise, na medida em que eles foram apenas brevemente citados no histórico de programas esportivos de emissoras televisivas públicas no capítulo dois.

4.1 NO MUNDO DA BOLA

"Inspirado no programa homônimo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro"¹⁹. Essas são as primeiras palavras descritas pela própria emissora no ato de anunciar a estreia da nova programação. O programa, como já informado anteriormente, tem

¹⁹Disponível em: <http://tvbrasil.etc.com.br/no-mundo-da-bola/episodio/no-mundo-da-bola-estreia-na-tv-brasil>

Sérgio do Bocage como apresentador, além de Márcio Guedes e Alberto Léo como comentaristas fixos, isto porque constantemente há a presença de outros comentaristas convidados pela equipe produtora. Com duração de uma hora, o programa possui três blocos e as exibições são transmitidas ao vivo todos os domingos, às 21h.

Nessa seção o programa será descrito de forma mais geral e em seguida apresentada a avaliação de seu conteúdo, tendo como perspectiva responder a questão de pesquisa.

4.1.1 Panorama Geral

Para a análise do "No Mundo da Bola" foi necessária a gravação de três edições do programa (29/09/2013, 17/11/2013 e 26/01/2014). Embora seja de conteúdo exclusivo de futebol, foram escolhidas edições em meses diferentes, com o intuito de evitar similaridades de assuntos e uma possível proximidade de fatos ocorridos entre dois programas, o que prejudicaria o resultado da pesquisa realizada.

Se no meio televisivo o "No Mundo da Bola" ainda é um programa em estágio inicial (estreou em 16/06/2013), nas ondas do rádio o programa já perdura há longa data. Lançado na década de 1930 por Antônio Cordeiro na mesma emissora, as edições são transmitidas nas noites de segunda à sexta-feira, com a apresentação de Carlos Borges.

Apesar da ligação nominal com o programa radiofônico, o antecessor televisivo do atual modelo também não pode ser esquecido. Com 564 edições e mais de 10 anos contínuos no ar, o "Esportvisão" se tornou um dos semanais esportivos mais tradicionais da TV Brasil. Apesar da remodelagem de cenário, o formato e até mesmo os profissionais atuantes do atual programa foram herdados do já tradicional "Esportvisão".

Dentro dos programas esportivos que adotam o mesmo estilo, o "No Mundo da Bola" ainda mantém uma característica que muitos outros já abandonaram: a bancada. Os participantes são colocados atrás dessa e permanecem na mesma posição durante toda a programação.



Figura 5 - Apresentadores posicionados atrás da bancada no estúdio²⁰

Pelo fato de se tratar de um programa semanal (exibido todos os domingos) e com duração de apenas uma hora, os assuntos são discutidos de forma bastante objetiva, sendo que, quando há um tema que exige maior tempo para discussão dos participantes, a apresentação dos outros assuntos se torna ainda mais sucinta, com menos tempo para sua abordagem.

Cabe aqui também ressaltar o contato que o programa realiza com a sua audiência. A participação do telespectador em programas esportivos e até mesmo em transmissões de eventos ao vivo já se tornou de uma característica marcante em todas as emissoras que abre espaço para uma editoria esportiva em sua programação. Não se pode ignorar a nova configuração que transforma os receptores de conteúdo dos programas esportivos em emissores de conteúdo para este mesmo programa. Recado do internauta, participação no mural, enquetes e perguntas são apenas algumas formas de chamar o público a participar do programa e, deste modo, fixar-se ainda mais no mesmo.

E dentre esses fatores a enquete ganha espaço considerável neste caso. Apresentada no início do programa, todos os comentaristas presentes são chamados a expor suas opiniões sobre o questionamento e, ao final das posições, o apresentador divulga o resultado da enquete entre os comentaristas e convoca o telespectador para decidir qual é a resposta mais viável para a pergunta do dia. Cabe ressaltar que o

²⁰Imagem retirada da página do programa na internet. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/nomundodabola/episodio/os-clubes-e-os-estadios-da-copa-vale-a-pena-jogar-fora-de-casa>

apresentador não se limita a apenas dar a oportunidade para os demais participantes comentarem a questão em voga, pelo contrário, o próprio, juntamente com os demais, também tem o seu momento para explicar os seus pensamentos.

Algumas estratégias são utilizadas no debate esportivo dominical da TV Brasil, sendo que algumas delas vão de acordo com o que é visto nos demais programas e outras não. Entre as comuns pode-se listar a participação em redes sociais (principalmente através do Facebook e Twitter), votação em enquetes, sorteio de camisas de times pelo telefone e também a ação de ler o comentário de telespectadores, não esquecendo de dizer o nome dos autores dos comentários e de registrar suas localizações ao redor do país.

Merece destaque a postura de estímulo à participação do público no programa. A cada fim de bloco são exibidas fotos de torcedores com camisas, bandeiras, revistas ou qualquer coisa que demonstre o clube do coração do torcedor. Além de mostrar o nome do torcedor no slideshow, mais uma vez se faz a questão de colocar a cidade a qual este pertence.

4.1.2 O entretenimento em "No Mundo Da Bola"

A grande tendência que permeia o jornalismo esportivo pelas diversas emissoras também se faz presente no "No Mundo da Bola". Com um bate-papo informal roteirizado, os assuntos de discussão e análise são conduzidos como uma conversa entre os participantes, levando-se em consideração que ao mesmo tempo também são dirigidos e organizados pelo apresentador Sérgio du Bocage.

Apesar de seguir tal grande tendência, o programa se aproxima e se afasta de conceitos explanados a respeito da questão do entretenimento por profissionais da campo jornalístico esportivo atualmente em voga no território nacional. Ainda que já citado no primeiro capítulo deste trabalho, cabe aqui lembrar, para melhor entendimento da ideia apresentada, o conceito apontado por Tiago Leifert que ilustra nitidamente o novo viés dos programas televisivos de esporte.

Sua priorização do entretenimento em relação à informação causa bastante discussão entre defensores dessa linha e teóricos defensores do exercício primordialmente jornalísticos.

Embora os termos usados por Leifert possam causar discordâncias entre profissionais do ramo, o modelo anterior (uso de linguagem formal e transmissão direta dos fatos) perdeu muito espaço para os programas com maior descontração, no qual pode-se incluir os que possuem o formato de uma mesa de debates. Isso fica evidente ao analisar o número de emissoras abertas, fechadas ou públicas que ainda aderem ao modelo de jornal esportivo que remonta ao jornalismo tradicional de estúdio com âncoras e bancada para os mesmos. Apesar de algumas emissoras esportivas de canal por assinatura (como é o caso de ESPN, Sportv e Fox Sports) ainda possuírem jornais esportivos do gênero, todas elas possuem programas com o formato mais leve e descontraído, isto é, programas que estão inseridos na proposta de Leifert anteriormente citada.

Tal forma de jornalismo, com tons de descontração, pode ser percebida no programa em estudo nesse trabalho. No caso do "No Mundo da Bola", com o entreter promovido até mesmo pelos próprios comentaristas entre si, a linguagem se torna clara e coloquial, tornando raro um momento com uso de linguagem mais formal e menos coloquial. Esse tipo de forma de comunicação é utilizada apenas em caso de nota de falecimento, registro de conflitos violentos entre torcidas, dentre outros temas que demandam um tratamento com maior tom de seriedade.

Mas ainda que o programa aqui estudado conte com uma linguagem mais clara e que se assemelhe a uma simples conversa, o entretenimento proposital, isto é, definido por posicionamento editorial, não se constitui em um dos aspectos centrais do programa. São inexistentes as piadas pré-programadas, os efeitos sonoros que fazem alusão a brincadeiras, os efeitos gráficos para falar de fantasma de rebaixamento, os adereços visuais utilizados pelos comentaristas e vários outros fatores presentes em outros programas esportivos para atingir uma maior nível de entretenimento dentro da programação televisiva. Pelo contrário, o programa segue a linha de que o momento de uma possível piada e/ou uma brincadeira entre os comentaristas surge naturalmente, ou seja, inserida nos comentários acerca dos temas propostos para discussão.

Ainda ressaltando a ausência de algumas estratégias que são tidas como prioridade em outras linhas editoriais, é digno dar destaque à não existência das "brigas" entre os comentaristas. Em outras palavras, àquelas discussões calorosas em que comentaristas discutem em tom agressivo, o que também já se trata de algo combinado, até que o/a apresentador(a) tenha que intervir para "acalmar os ânimos no estúdio". Apesar de com muita frequência os comentaristas se depararem com a situação de cortar a fala de um companheiro ou vice-versa, é visível uma escolha editorial para uma postura mais calma, isto é, sem debates acalorados. Em "No Mundo da Bola" é nítida a intenção para que a fala e até mesmo o raciocínio de quem está falando seja concluído para que depois haja uma réplica se essa existir, o que afasta o programa da crítica apresentada. Tal fator é facilitado pelo controle dado ao apresentador, o qual direciona os comentários "chamando" os comentaristas na maioria das vezes, e também pelo fator tempo que, por não ser extenso, limita uma maior profundidade nas discussões. Em alguns casos, os colegas de bancada chegam a até mesmo pedir desculpas por terem interrompido o outro durante sua fala.

Mas embora o entretenimento dentro do programa não seja pré-programado como em outras programações do mesmo setor, uma brincadeira é constante e ocorre mais de uma vez todas as semanas. Quando o apresentador Sérgio do Bocage começa a ler os comentários enviados por pessoas que estão assistindo o programa, sempre se vira para o comentarista Márcio Guedes ao dizer a cidade a qual o comentarista da internet pertence. Instantaneamente Márcio Guedes tenta adivinhar qual é o estado daquela cidade. Como quase sempre erra, a brincadeira, no fim das contas, acaba gerando risos e uma série de comentários irônicos entre os presentes na mesa.

Foram contabilizados, nas três edições tomadas como recorte para análise, a quantidade de momentos que provocaram risos, isto é, partes do programa em que o entretenimento (piadas, comentários irônicos, brincadeiras tradicionais do programa) ganhou espaço entre o bate-papo informal dos comentaristas. Numa média, cada exibição selecionada possuía cerca de 10 momentos como esse, o que significa que, com esse dado, a cada 5 minutos de programa um momento desse ocorre, levando-se em conta a subtração de 10 minutos por conta dos intervalos comerciais.

E se existe um fator que corrobora para que esse número não aumente, este é o considerável número de VTs exibidos. Com uma média de mais de 12 vídeos

transmitidos a cada exibição, o programa tem grande parte do seu corpo ocupado por tais reproduções, o que de certa forma suprime o tempo que poderia ser destinado a uma maior carga de entretenimento, e não só a este necessariamente, mas também a discussões, maior leitura de comentários dos telespectadores e outros aspectos do programa. Para ilustrar melhor essa escolha editorial cabe ressaltar que todo início de bloco do programa começa com a exibição de gols do futebol nacional e internacional ou com uma série de entrevistas.

Cabe aqui destacar um fator peculiar que marca o modelo e estrutura de "No Mundo da Bola", o que torna a questão do entretenimento ainda mais clara neste âmbito. Tanto o apresentador Sérgio do Bocage como os comentaristas (sejam eles convidados ou não) não fazem questão de omitir aos telespectadores para quais times torcem. Entre brincadeiras durante o programa chegam a dizer uns aos outros: "O nosso Botafogo está mal" ou "Avante Flamengo!". Mas diferentemente de grande parte dos programas de jornalismo esportivo que aceitam tal linha editorial, os comentaristas limitam seu lado torcedor a essas situações esporádicas no decorrer do programa, sendo que, durante a explanação da opinião sobre o tema discutido, o lado torcedor não entra em cena propositadamente, isto é, não existe nenhum jornalista responsável por determinada equipe, diferentemente do que ocorre em outros programas esportivos de diferentes emissoras.

4.2 CARTÃO VERDE

O tradicional programa esportivo da TV Cultura está na grade de programação da emissora desde 1993 e, assim como já foi evidenciado no capítulo anterior, mantém seu estilo de mesa redonda com caráter jornalístico visivelmente enraizado nas suas edições.

4.2.1 Panorama Geral

Para a análise do tradicional programa esportivo da TV Cultura também foram selecionados 3 programas para recorte (24/09/2013, 19/11/2013 e 14/01/2014), os quais estão disponíveis no site da TV Cultura, mais especificamente dentro da página do

programa Cartão Verde²¹. O semanal esportivo também tem o programa caracterizado pelo bate-papo informal comumente usado nos programas esportivos desse formato, além de ter comentaristas que opinam sobre as temáticas propostas para discussão no dia e um apresentador que serve de mediador entre os demais e condutor do conteúdo e da estrutura exibidos.

Enquanto o "No Mundo da Bola" e alguns outros programas esportivos do mesmo segmento ainda preferem manter a bancada para seus comentaristas, o Cartão Verde prefere que estes estejam com no máximo uma pequena mesa ao lado de suas cadeiras. A ausência da bancada parece obedecer mais fidedignamente à linha de pensamento tratada pelo programa, já que retira mais um elemento que remonta e relembra o antigo jornalismo esportivo, "de smoking", e se aproxima das roupas casuais, "da rave", de novas tendências do jornalismo esportivo.



Figura 6 - Apresentadores no estúdio não são separados e limitados por nenhum objeto²².

O programa geralmente inicia e termina com reprodução de imagens que, quando não se tratam de uma homenagem ao aniversário de uma conquista por parte de um clube, fala dos últimos acontecimentos esportivos ocorridos na semana em que o programa é realizado. Por exemplo, nos casos dos três programas analisados foram

²¹ <http://tvcultura.cmais.com.br/cartaoverde>

²² Imagem retirada do vídeo do programa disponível na página do Cartão Verde na internet. Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/cartaoverde/videos/cartaoverde-19-11-2013-paulo-andre>

exibidos em sua introdução, numa ordem cronológica: lances de brasileiros que se destacaram no futebol europeu naquela semana, imagens do time do Cruzeiro que conquistou o campeonato brasileiro de futebol e, por último, lances da carreira do zagueiro Roque Júnior, que era o convidado do programa. Já no encerramento cabe citar as homenagens feitas ao futebol feminino pelo início de seu campeonato brasileiro de futebol, e ao Palmeiras por ter sido campeão da segunda divisão nacional. Além disso, o apresentador Vladir Lemos sempre faz uma nota explicando as imagens e dando destaque para a música tocada enquanto as imagens são transmitidas.

Atualmente os comentaristas do Cartão Verde são Vitor Birner²³, Celso Unzelte²⁴ e o ex-jogador de futebol Roberto Rivellino²⁵. Além destes, toda semana o programa tem um convidado que, juntamente com os outros participantes, discute os temas rotineiros da semana mas também alguns específicos relacionados ao perfil do personagem convidado, se este possui tal peculiaridade. Se este não for o caso (o que acontece frequentemente quando jornalistas de outras emissoras são convidados), o Cartão Verde ganha mais um comentarista, o que não torna o programa menos interessante.

O programa tem duração de uma hora e é veiculado, com três blocos, todas as terças-feiras a partir das 22 horas. Com falas objetivas e dinâmicas, o que gera um maior espaço para um maior número de comentários, os assuntos são abordados com mais profundidade do que em outros programas com a mesma duração, como é o caso do "No Mundo Da Bola".

Assim como qualquer programa e/ou transmissão esportiva, o Cartão Verde também dá aos seus telespectadores a possibilidade de um feedback com os

²³Vitor Birner é jornalista e tem várias participações em diversos meios de comunicação. É Integrante da Tabela na TV Uol, com Juca Kfourí, Integrante do Cartão Verde, exibido pela TV Cultura, Comentarista de jogos de futebol no Placar Uol e possui uma coluna no jornal Lance! todos os sábados.

²⁴Celso Unzelte é jornalista e ativo no meio esportivo desde 1990. Atualmente o comentarista da TV Cultura também é participante ativo na revista Placar, além de ser um dos apresentadores do programa Loucos por Esporte, da ESPN.

²⁵Roberto Rivellino é um ex-jogador de futebol que atuou principalmente, além da seleção brasileira, por Corinthians e Fluminense. Com várias conquistas durante a carreira, a principal foi o tricampeonato mundial com a Seleção Brasileira no México, em 1970. Na década de 1990 integrou a equipe de jornalismo esportivo da Rede Bandeirantes e, desde 2012, participa do Cartão Verde na TV Cultura.

comentaristas. Através de redes sociais, aqueles que assistem o programa podem comentar e inclusive fazer perguntas (as quais realmente são lidas e feitas) ao convidado da semana. Além disso duas ferramentas comumente usadas são interligadas no Cartão Verde. Toda semana alguns brindes (camisas, livros, DVD etc.) são sorteados e, para participar de tal sorteio, deve-se votar na enquete realizada no programa.

Para encerrar o programa os comentaristas (geralmente o convidado não participa) pegam dois cartões, sendo um deles vermelho e outro verde, e apresentam os seus destaques semanais no mundo esportivo, embora em alguns casos esporádicos figuras de outros ramos também sejam lembradas. Para o cartão verde são separados os destaques positivos, enquanto o cartão vermelho representa os destaques negativos na opinião dos comentaristas.

4.2.2 O entretenimento no "Cartão Verde"

Como a grande maioria dos programas esportivos na atualidade, o Cartão Verde também caminha numa linha mais leve e inserida no conjunto do entreter. Mas apesar de estar englobado em tal setor, cabe aqui relatar que, assim como o No Mundo da Bola da Tv Brasil, o Cartão Verde possui uma prioridade jornalística em relação ao entretenimento, isto é, a informação e sua consequente análise (e com qualidade) é considerada e elevada ao ponto essencial do programa. Embora a linguagem seja tão simples como a de uma conversa, o caráter jornalístico do programa se mantém fortemente caracterizado.

E se este prioriza seu viés jornalístico, é raríssimo que seja feita uma pré-produção que tenha como meta o entretenimento por exclusividade. Na sua grande maioria, as risadas e piadas surgem naturalmente de assuntos que estão sendo discutidos ao vivo no programa. Nos três programas analisados, por exemplo, todos os momentos de entretenimento foram resultado das circunstâncias naturais provenientes das discussões em pauta durante a programação, sendo nenhum deles oriundo de uma pré-produção.

Um fator determinante para a variação do fator do entretenimento dentro do programa é o comentarista convidado. Se o convidado estiver relacionado a um tema que envolve mais seriedade o nível de entretenimento dentro do programa cai consideravelmente. Isso geralmente acontece quando os convidados são presidentes de

clubes e outros personagens políticos o mundo esportivo (e isso inclui jogadores, "cartolas" e políticos de fato). Entretanto o outro lado da moeda também existe. Quando os convidados se tratam de jogadores, ex-jogadores, técnicos e jornalistas (alguns deles com boa proximidade dos comentaristas fixos do programa), o conteúdo se torna bem mais leve, o que aumenta a quantidade de brincadeiras e trocadilhos, sendo que até mesmo os assuntos que exigem maior seriedade são tratados de forma mais descontraída do que em outras edições. Em algumas edições, por exemplo, os participantes do programa chegaram até mesmo a cantarolar algumas músicas em uníssono com o convidado do dia. Outro fator variante se trata da personalidade do convidado, o que fica bastante evidente ao analisar os programas utilizados como recorte e seus respectivos convidados: O jornalista Xico Sá²⁶, o jogador Paulo André²⁷ e o ex-jogador Roque Júnior²⁸.

Os números evidenciam com clareza o conteúdo acima. Contabilizando, assim como no caso do "No Mundo da Bola", o número de momentos de entretenimento que propiciaram risadas no estúdio, percebe-se a diferença que o convidado faz para a quantidade desses momentos, ou melhor, de entretenimento, no programa. Apesar da média em geral ser bastante superior ao programa da TV Brasil (30 momentos engraçados por programa, o que dá uma estatística considerável de que esse entreter ocorre entre intervalos menores que dois minutos de espaço entre si), a disparidade é evidente entre os programas selecionados. Por exemplo, no programa do convidado Xico Sá, foram contados 40 desses momentos (média de 1 momento a cada um minuto e quinze segundos), muitos deles ocorridos por causa de piadas e comentários irônicos do próprio convidado. Já no caso do programa em que o convidado foi Paulo André, apenas 21 momentos foram registrados (média aproximada de 1 momento a cada 2 minutos e 24 segundos), e isso devido ao fato da temática envolvendo a ida do zagueiro

²⁶Francisco Reginaldo de Sá Menezes é jornalista e escritor. Atualmente possui um blog na versão digital da Folha de S. Paulo e já fez parte do grupo de profissionais atuantes do Cartão Verde, ao lado de Vladimir Lemos, Vitor Birner e Sócrates.

²⁷Paulo André CrenBenini é jogador de futebol e atua no Sport Clube Corinthians como zagueiro. Também é um dos principais líderes do Bom Senso Futebol Clube, movimento encabeçado por jogadores de futebol para melhorias na modalidade esportiva no cenário nacional.

²⁸José Vítor Roque Júnior é ex-jogador de futebol com participações na Seleção Brasileira, inclusive no pentacampeonato mundial em 2002, no Japão. Além do Palmeiras, também atuou no exterior em países como Itália e Alemanha.

ao programa se tratar de um assunto não muito propício ao entretenimento, o qual foi o movimento político que Paulo André participa dentro do futebol brasileiro.

Inscrição em faculdades locais, 2005

Tabela 1 - Comparativo entre os programas analisados

Programa	Momentos de "risos"	Número de VTs
No Mundo da Bola	10	12
Cartão Verde	30	7

No caso de jogadores e treinadores que não estejam envolvidos em nenhuma situação peculiar (violência no esporte ou ações políticas por exemplo) é muito comum que parte do programa seja destinado ao convidado contar histórias, sendo muitas delas engraçadas, aos comentaristas. Para elucidar a questão cabe citar o exemplo da edição em que o convidado foi o ex-jogador Roque Júnior. Exibido em janeiro de 2014, o programa se limitou, em sua grande maioria de tempo, a relembrar histórias envolvendo a carreira do atleta, levando em conta que, em apenas alguns momentos esporádicos, eram realizadas ligações com temas atuais em que era solicitada a opinião do convidado. Tal aspecto se trata de uma característica do programa quando os convidados estão inseridos no perfil como o caso aqui citado. Mas embora isso aconteça com maior frequência nos casos referidos, tal característica não é ausente em outros casos, principalmente quando se fala de jornalistas amigos dos participantes fixos dos programas, os quais contam bastidores de transmissões esportivas, viagens para a cobertura de eventos, dificuldades dentro de estádios, dentre outros. Mais uma vez voltando ao programa em que Juca Kfourri foi convidado, não foram poucas as vezes em que o jornalista lembrou engraçadas histórias de antigas coberturas esportivas em outros países.

E não são apenas os comentaristas convidados que relembram e narram momentos de desataque em suas trajetórias. O comentarista Roberto Rivellino constantemente coloca em pauta suas lembranças da época em que ainda jogava, sendo que muitas vezes essas lembranças servem de gancho para uma comparação com o futebol atual e também para que outras histórias sejam contadas por seus companheiros no programa.

Mas para que tantos momentos de entretenimento e histórias nostálgicas sejam contadas, algo deve ser sacrificado para que o tempo seja viável ao programa, e, em relação ao "No Mundo da Bola", o Cartão Verde utiliza os VTs numa escala consideravelmente menor. Com uma média aproximada de 7 VTs por programa, o programa ganha ainda mais espaço pelo fato desses serem curtos e ainda dois desses serem exibidos como introdução e conclusão do programa, o que abre espaço ainda maior dentro deste para os acontecimentos anteriormente citados.

Os palpites também são outro aspecto que geralmente se aproximam da dimensão do entretenimento durante o programa. Apesar de não se tratar de um quadro fixo ou algo definido editorialmente, sempre que se aproximam momentos decisivos como fases finais de campeonato, períodos de transferências de jogadores e premiações individuais para os mesmos, os comentaristas palpitam sobre o resultado que acreditam que seja mais provável. E mesmo com divergência ou unanimidade é quase certo que exista ao menos um comentário que será motivo de risadas e propulsor de outros comentários com cunho de humor que propiciam o entretenimento ao telespectador. Em uma edição, quando os comentaristas opinavam sobre a possibilidade da Ponte Preta conquistar a Copa Sulamericana, Vitor Birner comentou que apesar de existirem "coisas que só acontecem com o Botafogo"²⁹ não acreditava no clube de Campinas. A fala foi suficiente para que quase todos os outros comentaristas fizessem outros comentários irônicos envolvendo a situação.

Um caso peculiar do Cartão Verde que também deve ser destacado por causa de seu conseqüente entreter é a "implicância" que os próprios comentaristas admitem ter com o jornalista Vitor Birner. Por ter opiniões geralmente contrárias à maioria dos comentaristas esportivos brasileiros, Vitor Birner é geralmente mencionado ironicamente por seus colegas de programa. Vladir Lemos, Celso Unzelte e Roberto Rivellino usam expressões de deboche (não desrespeitosas; pelo contrário, elas evidenciam o bom clima que existe entre os debatedores) para rebater certos argumentos não muito populares por parte do alvo das críticas. Frases como "daqui a pouco ele

²⁹Caso a Ponte Preta ganhasse a Copa Sulamericana o Botafogo perderia a vaga na Libertadores do ano seguinte conquistada pelo Campeonato Brasileiro. A frase "existem coisas que só acontecem com o Botafogo" é uma expressão popular que supõe uma série de infortúnios que ocorrem com o clube carioca.

escala o time com quatro volantes no meio de campo" e "para de defender esse futebol de zagueiro" já tem sua presença marcada em quase todas as edições³⁰.

A própria página do Cartão Verde na internet, ao descrever o perfil dos comentaristas, já mostra a diferença de pensamento entre Vitor Birner e a opinião dos outros participantes.

"Vitor Birner nasceu em São Paulo. É jornalista, crítico, amante da estratégia do jogo e do comportamento das torcidas. Adora ver o time que se sacrificou derrotar o time talentoso. Acredita que dessa forma "o craque rende mais e Deus sorri". Blogueiro por ofício e paixão, ao reconhecer a força como uma das qualidades do futebol moderno, se tornou um verdadeiro contraponto à visão romântica muitas vezes defendida por nossos outros comentaristas. Ele, mais do que ninguém, afirmaria que um time precisa contar com jogadores de todos os tipos" (Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/cartaoverde/o-time>).

E essa peculiaridade do programa leva os comentaristas a começarem a brincar com temas dos mais diferentes setores, sendo que isso também depende do convidado lhes ser alguém próximo. Tomando como exemplo uma edição em que o convidado foi o jornalista Juca Kfour³¹ (apesar deste programa não estar inserido entre os selecionados para recorte), todos os participantes, quando o programa estava prestes a terminar, começaram a falar de cirurgia plástica e a falar mal da aparência física de Vitor Birer. Nesses momentos, o programa perde por completo sua característica jornalística e passa a ser apenas a reprodução de brincadeiras por parte de comentaristas, apesar disso, não se tratar de um descrédito do programa pelo fato desses momentos serem esporádicos.

Até mesmo as perguntas e os comentários oriundos do telespectador através das redes sociais se tornam (ocasionalmente e não em todos os casos) objeto de momentos de descontração no programa. Uma pergunta que toca em um assunto inusitado e/ou comprometedor se desenvolve para uma sequência de comentários irônicos relacionados à temática dessa mesma pergunta. No programa em que o convidado era Paulo André,

³⁰Volante é conhecido como o jogador que atua no meio-campo e que é mais voltado para a marcação. Uma formação com quatro volantes se trata de um visão extremamente defensiva e que contradiz o ponto de vista da maioria dos comentaristas esportivos.

³¹Programa exibido no dia 10/12/2013. Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/cartaoverde/videos/cartao-verde-juca-kfour-10-12-2013>

zagueiro do Corinthians e líder do Bom Senso Futebol Clube³², em determinado momento o apresentador Vládir Lemos lê o comentário proveniente de um internauta: "Paulo André para presidente da CBF!". O comentário fez emergir uma série de argumentos e falas informais, não ausentes de boas risadas, onde os presentes afirmaram que apoiariam a candidatura do zagueiro.

Mas se comentários irônicos, implicância com determinado comentarista e narrar histórias são práticas que arrancam sorrisos no decorrer do programa, tais aspectos se tornam praticamente ausentes em assuntos com um maior teor de seriedade, como é o caso de violência nos estádios entre torcidas, notas de falecimento, lesões gravíssimas de atletas e atualização do estado de saúde de pessoas em risco. Apesar da linguagem ainda continuar informal e leve, a própria expressão facial de seriedade dos comentaristas por si só já evidencia uma escolha por evitar possíveis brincadeiras ao se tratar destes assuntos.

Já o momento que praticamente encerra o programa segue, logicamente, a mesma linha de todo o conjunto. Quando os comentaristas mostram os cartões vermelho, explanando seus destaque negativos e verde, no caso dos positivos, qualquer brincadeira e/ou comentário irônico, se surgir, surge naturalmente através dos comentários. Embora essa seja a linha nesse quadro, o entretenimento é quase certo nos destaques, principalmente no caso dos negativos, que algumas vezes se trata de algum jogada ruim, comentário infeliz de um atleta ou dirigente, erros em cerimônias esportivas e vários outros exemplos que por si só já propiciam o entretenimento.

³²O Bom Senso Futebol Clube se trata de um movimento iniciado em 2013 por jogadores de futebol que atuam no Brasil. Com o intuito de obter melhorias no âmbito do futebol, o movimento ganhou grande projeção nacional no fim do campeonato brasileiro de 2013, quando os atletas ficavam com os braços cruzados dentro de campo após o início dos jogos. As principais reivindicações como mudanças no calendário e fair play financeiro tem sido motivo de embate entre o movimento e a Confederação Brasileira de Futebol.

5. CONCLUSÃO

Os dois programas analisados neste trabalho (*No Mundo da Bola* e *Cartão Verde*) em alguns momentos se aproximam e em outros se afastam do movimento que o jornalismo esportivo na televisão percorre com o entretenimento.

Apesar de ambos estarem inseridos em apenas um dos vários estilos de programas esportivos, que neste caso é o formato de mesa-redonda, é possível apontar aspectos gerais que mostram que os programas caminham na grande vertente do jornalismo esportivo atual. Entre tais, pode-se citar o tom de conversa coloquial inserido em suas edições. Embora essas não sejam esvaziadas de reflexão, com a presença de momentos de análise crítica jornalísticas dos temas abordados, o bate-papo predomina durante os programas. Esse estilo ou modelo acaba por suscitar e oferecer espaço para a ocorrência de piadas e comentários irônicos, presentes em todas as exibições semanais tomadas como recorte do período estudado.

As estatísticas levantadas neste trabalho também apontam para o entretenimento como característica com presença massiva, repetida em pequenos intervalos de tempo, até inferiores a dois minutos, dentro dos blocos dos programas analisados. Num comparativo entre os dois programas selecionados, o *Cartão Verde*, da TV Cultura, apresenta ainda mais momentos de entretenimento do que o *No Mundo da Bola*, o que é facilitado pela menor quantidade de VTs e o constante convite de jornalistas, jogadores, treinadores e pessoas de outros cargos com humor enraizado em sua própria personalidade.

Além disso é digna de destaque a diferença na postura assumida pelos participantes dos programas em relação ao time para qual torcem. No *Cartão Verde* os participantes (principalmente os fixos, isto é, os não convidados) preferem adotar uma linha de não evidenciar o clube para o qual torcem. Enquanto isso, em *No Mundo da Bola*, os participantes não só deixam sua opção de time clara mas também brincam uns com os outros como plenos torcedores, apesar disso não impedir uma neutralidade no momento dos comentários. Tal fator se trata de uma peculiaridade, já que a maioria dos programas esportivos nesse quesito ou adotam comentaristas como defensores de determinado clube, ou preferem que todos deixem suas preferências ocultas para a população.

A diferença é nítida entre o caminho que os programas das emissoras públicas percorrem e as escolhas editoriais de vários outros programas esportivos. Apesar do entretenimento ser um aspecto inegável, este não caminha nos trilhos da pré-produção, ou seja, o entreter é visto como uma consequência da circunstância do momento, e não como algo que deve ser trabalhado e produzido para ocorrer, e mesmo estruturar ou pautar os programas analisados. Esse fator elimina vários elementos que apareceriam no programa se essa fosse a linha adotada, como o uso de adereços, efeitos sonoros propositais, presença de danças no estúdio, piadas combinadas, "discussões acaloradas" entre os comentaristas, entre outros aspectos que marcam esse tipo de estratégia.

Cabe aqui reiterar que a análise não deve ser tomada como um panorama definitivo e como resultado final para todos os programas esportivos da televisão pública, mas refere-se ao recorte empírico e temporal das edições de *No Mundo da Bola*, veiculado na TV Brasil, e *Cartão Verde*, veiculado na TV Cultura. Há vários outros programas dedicados ao esporte no ambiente das emissoras públicas nacionais, que possuem formatos, estilos e linhas editoriais diferentes. Por isso, para que se mais firme e concretamente sobre o conjunto geral do entretenimento nos programas esportivos de emissoras públicas, a pesquisa precisa ser aprofundada e estendida a mais programas veiculados e tomando séries de tempo mais longas que a utilizada nessa monografia.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Valéria Maria Vilas Boas. **Tv Pública no Brasil: história, regulamentação e a criação da TV Brasil.** Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Televisão e Realidade. Disponível em: <http://www.tvereadade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Valeria%20Vilas%20Boas.pdf>. Acesso em 09 de janeiro de 2013.

BARBEIRO, Herodoto; RANGEL, Patricia. **Manual do jornalismo esportivo.** São Paulo: CONTEXTO, 2006.

BARROCAL, André. **A batalha da TV.** Revista Carta Capital, p.29, 13 novembro, 2013.

BETING, Mauro Alexandre Zioni. In: VILAS BOAS, Sergio. **Formação e Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em http://www6.senado.gov.br/con1988/CON1988_19.12.2006/CON1988.pdf. Acesso em 09 de janeiro de 2013.

BRITTOS, Valério Cruz.; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **TV Pública, políticas de comunicação e democratização: movimentos conjunturais e mudança estrutural.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Economia Política e Políticas de Comunicação, do XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, junho 2008 Disponível em : http://www.compos.org.br/data/biblioteca_337.pdf. Acesso em 09 de janeiro de 2013.

CARVALHO, Juliana Marques. Televisão pública no Brasil: resquícios do passado e perspectivas para o futuro.

MELEIRO, Alessandra; MENDONÇA, José Márcio. Preparação do 2º Fórum Nacional de Televisão Pública. Publicado no Observatório do Direito à Comunicação, em 21/06/2009. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=4624 . Acesso em 09 de janeiro de 2013

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX.** Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

MOSTARO, Felipe Fernandes Ribeiro. In: GURGEL, Anderson ... [et all] (Org). **Comunicação e Esportes: Reflexões.** São Paulo: INTERCOM, 2012.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Padrão Globo de Jornalismo Esportivo.** Porto Alegre: PUC (RS), 2010.

OTONDO, Teresa Montero. Experiência - TV Cultura: a diferença que importa. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão Pública: do consumidor ao cidadão.** São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002.

PEREIRA, Sílvio Túlio de Lima. **Nova linguagem do telejornalismo esportivo: os gêneros e a proposta de Tadeu Schmidt.** Trabalho de Conclusão de Curso. Goiânia. Faculdade Araguaia, 2011.

REY, Gérman. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão Pública: do consumidor ao cidadão.** São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002.

ROCHA, Liana Vidigal. **A Televisão Pública num Ambiente de Competição Comercial: estudo dos modelos brasileiro e português.** Tese (Doutoranda em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 22-31, 2011.

SILVA, Alexander Alves da. **DE LÉO BATISTA A TADEU SCHMIDT: a evolução da nota coberta no telejornalismo esportivo.** Trabalho apresentado no I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Palmas, 2010.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento.** Trabalho apresentado no 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2010.

WILLIAM, W. 2002. **Olho no Lance: Silvio Luiz.** São Paulo, Nova Cultural, 320 p.